ESPECIAL

PLACAR

A SAGA DA

Jules Rimet

A HISTÓRIA DAS COPAS DE 1930 A 1970

POR MAX GEHRINGER

fascículo 7 ◀ 1962 CHILE

O Brasil de novo no topo

Logo no segundo jogo das oitavas-de-final, Pelé sofreu uma distensão na coxa e ficou fora da disputa. É claro que houve uma grande comoção, mas nem isso foi suficiente para atrapalhar a trilha do Brasil rumo ao bicampeonato. Na partida seguinte, Amarildo (substituto de Pelé) derrubou a Espanha. E Garrincha (que fez 4 gols no torneio, assim como Vavá) se transformou no herói do título. A Seleção era favorita e não desapontou ninguém, conta Max Gehringer no sétimo fascículo da saga da Jules Rimet. A taça voltou a ser erguida sobre a cabeça de nosso capitão, Mauro – um gesto que havia sido criado por seu antecessor, Bellini, na Suécia, quatro anos antes. Em seis confrontos, cinco vitórias e apenas um empate (ainda na primeira fase, 0 x 0 contra a Tchecoslováquia, a mesma adversária da final). Nesta edição, você vai saber como o Chile derrotou a Argentina e se tornou o país-sede do Mundial (uma tarefa hercúlea, com direito a dois terremotos durante o percurso), acompanhar os 93 embates das eliminatórias (que envolveram um número recorde de 54 nações) e seguir, no tradicional tabelão com todas as 32 pelejas da Copa, a trajetória do escrete verde-e-amarelo nos gramados de Viña del Mar e Santiago (um caminho que teve a ajuda de algumas atitudes supersticiosas, como embarcar a delegação no mesmo avião, e com o mesmo piloto, da viagem para a Europa, em 1958). A nova conquista foi tão celebrada que acabou ofuscando a crise política e dando uma sobrevida de quase dois anos ao governo de João Goulart. Mas muitos craques já estavam envelhecendo e era preciso recomeçar tudo para 1966, na Inglaterra. É o que veremos no próximo mês, com o oitavo (e penúltimo) fascículo desta coleção.

Max Gehringer

foi executivo de grandes empresas, é colunista de várias revistas e um dos principais conferencistas do país. Mas sua verdadeira paixão é a bola. Dono de uma respeitável biblioteca e videoteca de futebol, ele passou os últimos anos colecionando fatos sobre as Copas. Sua missão é contar de forma bem humorada a história dos Mundiais sem reproduzir erros que se repetem de geração em geração.

Acompanhe os fascículos da saga da Jules Rimet

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Laurentino Gomes
Diretor de Núcleo: Alfredo Ogawa

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Editor de Arte:** Rodrigo Maroja
Editores: Gian Oddi, Maurício Ribeiro de Barros
Coordenação: Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Virgilio Sousa
Colaboraram nesta edição
Texto: Max Gehringer
Edição: Gabriel Pillar Grossi
Edição de Arte: Marcel Votre e Marcio Penna
Edição de Fotografia: Ricardo Corrêa

www.placar.com.br

Brasil x Chile na semifinal de 1962: os chilenos não pouparam esforços para realizar o Mundial de futebol

A Copa no fim do mundo

Depois de dois Mundiais na Europa, a Fifa decidiu que o de 1962 seria de novo nas Américas. E o obstinado presidente da Confederação Sul-Americana não só convenceu os delegados a votar no Chile como superou até terremotos para organizar a festa

Quatro países se candidataram para sediar a Copa de 1962: Espanha, Alemanha Ocidental, Argentina e Chile. Mas a Fifa decidiu que, após duas Copas seguidas na Europa (1954 e 1958), chegara novamente a vez das Américas. Assim, a mais forte candidata, a Espanha, foi descartada. Sobraram então a Argentina - que vinha pleiteando a realização de uma Copa desde 1930 - e o **Chile** - que apresentara sua candidatura ainda em 1952, no Congresso da Fifa em Helsinque, por meio do diplomata Ernesto Alvear. Os delegados dos países europeus torceram o nariz para as pretensões chilenas, argumentando o país era pobre, sem a necessária estrutura para promover uma Copa.

Na língua aimará, falada por antigos nativos da região andina, a palavra Chile significa "o lugar onde o mundo acaba".

Mas a candidatura do Chile tinha um defensor de peso: Carlos Dittborn Pinto, que em 1956 havia sido eleito presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol. Mesmo sem o apoio da Argentina e do Uruguai, ele fez uma ardorosa defesa das possibilidades chilenas no Congresso de Lisboa, em 10 de julho de 1956. Aí, os 56 países membros presentes foram convidados a votar. Surpreendentemente, o Chile conseguiu 32 votos - incluindo o do Brasil - e a Argentina, apenas 10. Outros 14 países se abstiveram da votação. Frustrados, mas impávidos, os argentinos deixaram registrada sua pretensão de sediar a Copa de 1970 - que acabou se realizando no México.

Carlos Dittborn foi a alma e o coração da preparação da Copa. Nascido em 16 de abril de 1921, em Niterói - cidade onde seu pai desempenhava funções diplomáticas -, mudou-se para o Chile aos 4 anos de idade. Lá, descobriu sua paixão pelo futebol e, principalmente, pelo Universidad Católica, clube do qual se tornou presidente em 1954. Sob os olhares desconfiados dos opositores à Copa no Chile, ele arregaçou as mangas em 1957: de acordo com seus planos, o estádio Nacional de Santiago, inaugurado em 1937, teria sua capacidade aumentada de 45 000 para 70 000 espectadores. E um novo estádio seria construído em Viña del Mar.

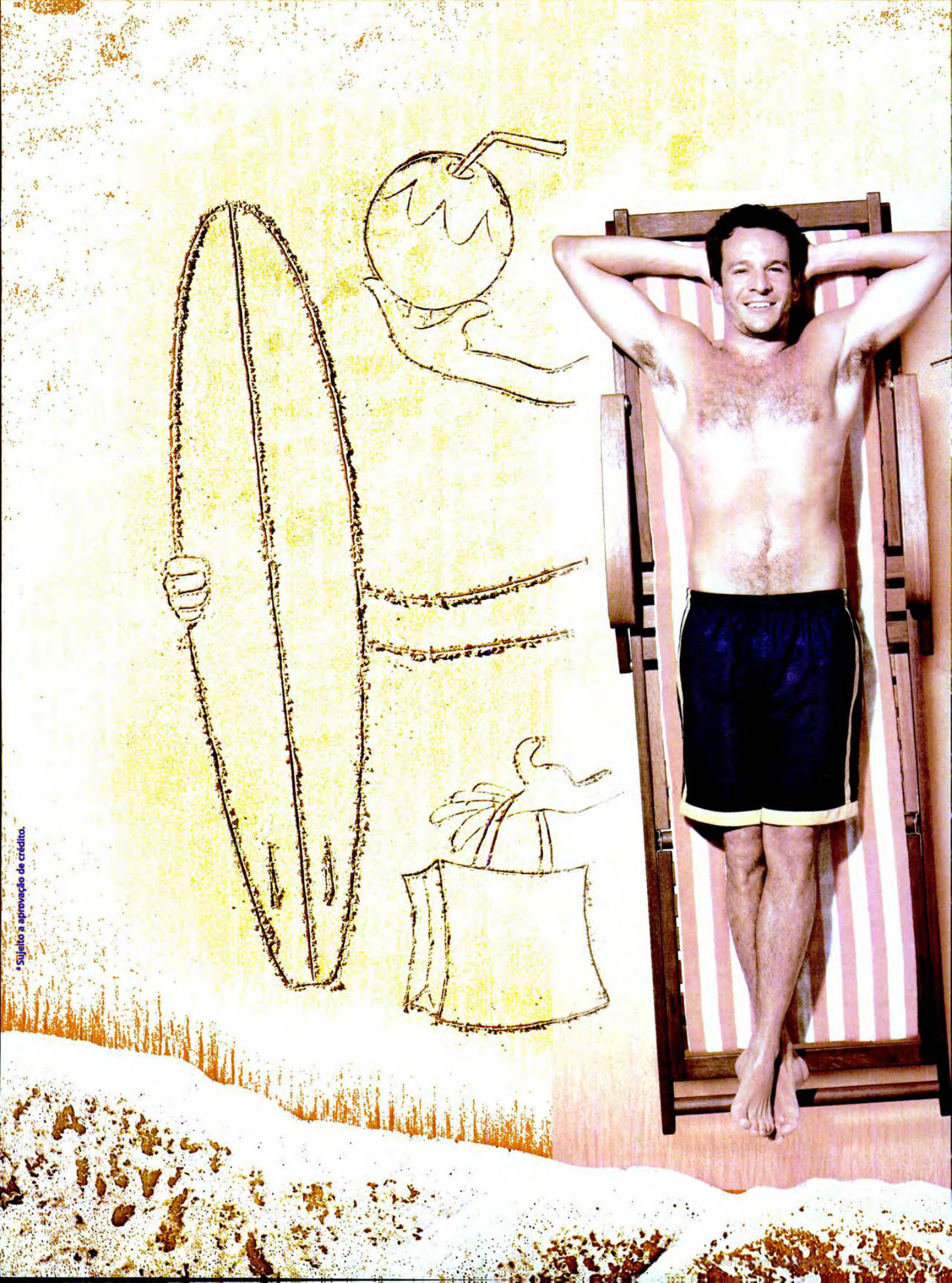
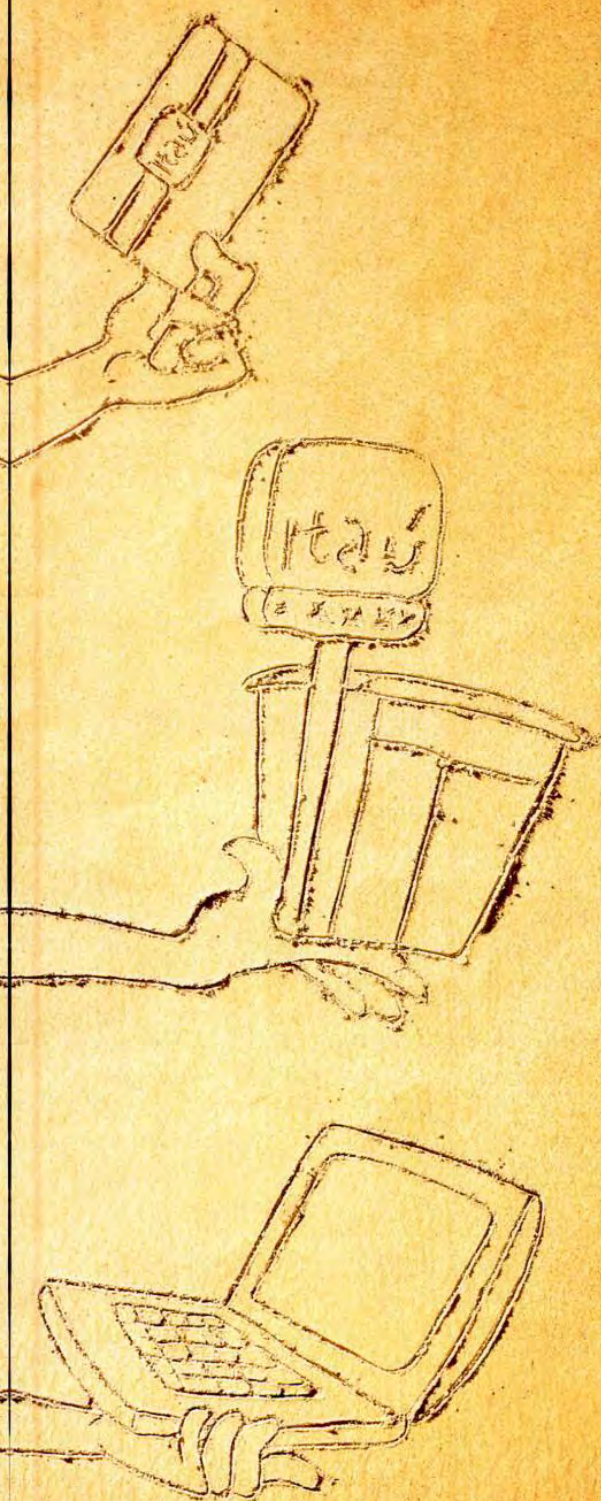
Quando o dirigente parecia estar começando a ganhar o respeito dos céticos, o Chile foi surpreendido por uma hecatombe: em 21 e 22 de maio de 1960, dois violentos terremotos atingiram o país. O segundo deles foi o mais forte do mundo no século 20. Registrou 8,5 pontos na escala Richter, com epicentro em Valdivia e Concepción, 750 quilômetros ao sul de Santiago), causando 5 000 mortes e deixando ao desabrigo 25% da população nacional. As ondas gigantes que se formaram no Oceano Pacífico chegaram até o Japão. Para um país com poucos recursos, os enormes prejuízos financeiros decorrentes da tragédia eram uma sentença de morte para a Copa. Mas o obstinado Dittborn pronunciou a frase que o tornou célebre e acabou reproduzida em cartazes por todo o território chileno: "Porque nada tenemos, lo haremos todo" (porque nada temos, faremos tudo). E a Fifa, impressionada tanto com a frase quanto com a persistência de Dittborn, deu-lhe o necessário voto de confiança. No entanto, ele não viu o resultado final de sua grande obra, pois sofreu um ataque cardíaco e morreu um mês antes do início do evento, aos 42 anos de idade, em 28 de abril de 1962. É bem provável que as provações enfrentadas nos seis anos anteriores e os incríveis esforços, tanto físicos quanto mentais, dedicados à preparação do Mundial, tenham influído em sua morte prematura. O estádio de Arica, em homenagem ao homem que nunca desistia, foi batizado de Carlos Dittborn.

O CHILE EM 1962

GILVAN BARRETO

Espremido entre o mar e a montanha

Um dos dois únicos países da América do Sul a não fazer fronteira com o Brasil (o outro é o Equador), o Chile declarou sua independência da Espanha em 1810 - e deixou efetivamente de ser uma colônia após oito anos de guerra contra os europeus. O território chileno também foi definido à força, na chamada Guerra do Pacífico (1879-1884, contra Peru, Bolívia e Argentina), e é uma enorme lingüiça: tem 4 200 quilômetros na vertical e só 170 quilômetros na horizontal. De um lado, o oceano Pacífico. Do outro, a Cordilheira dos Andes. Santiago, a capital, fica bem no centro, cercada pelas montanhas. Ao norte, a principal atração é o deserto de Atacama. Ao sul, destaque para a Patagônia e a região dos lagos andinos. Grande produtor de cobre, o país especializou-se na segunda metade do século passado em exportar frutas. Seus vinhos também são conhecidos internacionalmente pela qualidade. Na época da Copa do Mundo de 1962, o Chile tinha quase 8 milhões de habitantes, 25% dos quais vivendo na capital e seus arredores.

*Sujeito a aprovação de crédito.

Neste verão, se você não conseguir dormir direito, das duas uma: ou não é Cliente Itaú ou não passou protetor.

O Itaú faz tudo-tudo para você poder fazer nada neste verão.

No verão, Cliente Itaú pode agendar investimentos pelo telefone. Comprar com o Cartão Eletrônico Itaú sem levar dinheiro. Colocar as contas no débito automático pela Internet. E até contratar crédito; nos mais de 21 mil Caixas Eletrônicos Itaú. Aproveite suas férias. **Seja Cliente Itaú e tenha tudo-tudo para este verão ser feito para você.**

Itaú Bankfone
Em dias úteis, das 8 às 22 horas
4004 4828: capitais e regiões metropolitanas
0800 0118944: demais localidades
www.itau.com.br

Todos querem ir ao Chile

Um recorde de 54 países se inscreveram para as eliminatórias. Só quatro não entraram em campo, mas o cruzamento definido pela Fifa fez com que asiáticos e africanos acabassem fora do Mundial

Após os terremotos de 1960, começou a pairar um certo receio de que as seleções européias resolvessem boicotar a Copa de 1962, no Chile – afinal, elas já haviam feito a mesma coisa em 1930, no Uruguai, e em 1950, no Brasil. Mas, para felicidade geral – e, em particular, do inglês Stanley Rous, que assumiu a presidência da Fifa em setembro de 1961 –, 54 países se inscreveram para disputar as eliminatórias, entre eles todas as grandes potências do Velho Continente. Ao todo, foram disputadas 91 partidas (seriam 93, mas uma foi cancelada e outra acabou decidida no tapetão).

GRUPO 1 – *BÉLGICA, SUÉCIA e SUÍÇA*

SUÉCIA 2 x 0 BÉLGICA
ESTOCOLMO, 19 DE OUTUBRO DE 1960
BÉLGICA 2 x 4 SUÍÇA
BRUXELAS, 20 DE NOVEMBRO DE 1960
SUÍÇA 2 x 1 SUÉCIA
LAUSANNE, 20 DE MAIO DE 1961
SUÉCIA 4 x 0 SUÍÇA
ESTOCOLMO, 28 DE MAIO DE 1961
BÉLGICA 0 x 2 SUÉCIA
BRUXELAS, 4 DE OUTUBRO DE 1961
SUÍÇA 3 x 2 BÉLGICA
BERNA, 29 DE OUTUBRO DE 1961
SUÍÇA 2 x 1 SUÉCIA
BERLIM OCIDENTAL, 12 DE NOVEMBRO DE 1961

Nas eliminatórias, a Bélgica sofreu quatro derrotas, o que deu início a uma grande discussão sobre o futuro do futebol no país. A Suécia havia desmontado o time vice-campeão de 1958. Dos 11 que atuaram contra o Brasil na final, apenas o zagueiro Bergmark e o atacante Simonsson enfrentaram os belgas no primeiro jogo das eliminatórias. Mas o técnico continuava o mesmo (o inglês George Raynor) e ele havia conseguido montar uma nova equipe, jovem e competitiva. Já a Suíça fez o contrário: pegou de volta o técnico Karl Rappan – o inventor do ferrolho –, que recrutou alguns veteranos da Copa de 1954 para dar mais estabilidade à equipe. O resultado foi um empate em pontos: Suíça e Suécia foram para um jogo extra, já que o saldo de gols (favorável à Suécia) não contava. Jogando sob um frio de zero grau em Berlim, na Alemanha, a Suíça venceu por 2 x 1 e se classificou. O gol decisivo foi marcado pelo veterano Charles Antenen, de 34 anos, que disputara a Copa de 1950 no Brasil.

GRUPO 2 – *BULGÁRIA, FINLÂNDIA e FRANÇA*

FINLÂNDIA 1 x 2 FRANÇA
HELSINQUE, 25 DE SETEMBRO DE 1960
FRANÇA 3 x 0 BULGÁRIA
PARIS, 11 DE DEZEMBRO DE 1960
FINLÂNDIA 0 x 2 BULGÁRIA
HELSINQUE, 16 DE JUNHO DE 1961
FRANÇA 5 x 1 FINLÂNDIA
PARIS, 28 DE SETEMBRO DE 1961
BULGÁRIA 3 x 1 FINLÂNDIA
SÓFIA, 29 DE OUTUBRO DE 1961
BULGÁRIA 1 x 0 FRANÇA
SÓFIA, 12 DE NOVEMBRO DE 1961

BULGÁRIA 1 X 0 FRANÇA
MILÃO, 16 DE NOVEMBRO DE 1961
Surpreendentemente, a França acabou eliminada pela Bulgária no jogo de desempate, disputado no estádio San Siro, em Milão. Por puro azar, a França ficou sem seus atacantes que haviam brilhado na Copa de 1958: Piantoni, Fontaine e Kopa se machucaram durante as eliminatórias. Fontaine e Piantoni ainda jogaram a primeira partida contra a Bulgária – vitória francesa por 3 x 0, em Paris – mas não no segundo – vitória búlgara por 1 x 0, em Sófia – nem na partida extra, apenas quatro dias depois. A França reclamou da arbitragem "equivocada" do juiz tcheco Milan Fencl no segundo jogo contra os búlgaros. Fencl acabou suspenso dos quadros da Fifa, mas o resultado foi mantido.

GRUPO 3 – *ALEMANHA OCIDENTAL, GRÉCIA e IRLANDA DO NORTE*

IRLANDA DO NORTE 3 x 4 ALEMANHA OCIDENTAL
BELFAST, 26 DE OUTUBRO DE 1960
GRÉCIA 0 x 3 ALEMANHA OCIDENTAL
ATENAS, 20 DE NOVEMBRO DE 1960
GRÉCIA 2 x 1 IRLANDA DO NORTE
ATENAS, 3 DE MAIO DE 1961
ALEMANHA OCIDENTAL 2 x 1 IRLANDA DO NORTE
BERLIM OCIDENTAL, 10 DE MAIO DE 1961
IRLANDA DO NORTE 2 x 0 GRÉCIA
BELFAST, 17 DE OUTUBRO DE 1961
ALEMANHA OCIDENTAL 2 x 1 GRÉCIA
AUGSBERG, 22 DE OUTUBRO DE 1961

Os alemães decidiram o grupo logo nas duas primeiras partidas, quando venceram seus adversários fora de casa. Ao fim, foram quatro vitórias tranqüilas em quatro jogos. O eterno técnico Sepp Herberger, então com 63 anos, havia renovado a Seleção Alemã e começado a montar a base de uma equipe que chegaria ao apogeu na Copa de 1966, disputada na Inglaterra. A estrela do novo time era o centroavante Uwe Seeler, do Hamburger SV, que já havia tido uma boa participação na Copa de 1958, na Suécia.

GRUPO 4 – *ALEMANHA ORIENTAL, HOLANDA e HUNGRIA*

HUNGRIA 6 x 0 ALEMANHA ORIENTAL
BUDAPESTE, 16 DE ABRIL DE 1961
HOLANDA 0 x 3 HUNGRIA
ROTERDÃ, 30 DE ABRIL DE 1961
ALEMANHA ORIENTAL 1 x 1 HOLANDA
LEIPZIG, 14 DE MAIO DE 1961
ALEMANHA ORIENTAL 2 x 3 HUNGRIA
BERLIM ORIENTAL, 10 DE SETEMBRO DE 1961
HUNGRIA 3 x 3 HOLANDA
BUDAPESTE, 22 DE OUTUBRO DE 1961
HOLANDA x ALEMANHA ORIENTAL
CANCELADO

O centroavante Lajos Tichy, do Honvéd, tinha sido o único destaque da Hungria na Copa de 1958. Nas eliminatórias para 1962, ele encontrou duas boas companhias: os meias Florian Albert, do Ferencvaros, e Janos Gorocs, do Ujpest Dozsa. Com seu novo trio atacante, a Hungria venceu seu grupo sem se estressar, cedendo apenas um empate para a Holanda. A última partida do grupo – em que Holanda e Alemanha Oriental, ambas já sem chances, se enfrentariam em Roterdã – foi cancelada pela Fifa para evitar um incidente diplomático. O governo holandês se recusou a conceder os vistos de entrada para os jogadores alemães orientais como forma de censura pública e oficial ao Muro de Berlim, que separava as Alemanhas e havia sido construído apenas dois meses antes, em agosto de 1961.

GRUPO 5 – *NORUEGA, TURQUIA e UNIÃO SOVIÉTICA*

NORUEGA 0 x 1 TURQUIA
OSLO, 1º DE JUNHO DE 1961
UNIÃO SOVIÉTICA 1 x 0 TURQUIA
MOSCOU, 18 DE JUNHO DE 1961
UNIÃO SOVIÉTICA 5 x 2 NORUEGA
MOSCOU, 1º DE JULHO DE 1961
NORUEGA 0 x 3 UNIÃO SOVIÉTICA
OSLO, 23 DE AGOSTO DE 1961
TURQUIA 2 x 1 NORUEGA
ISTAMBUL, 29 DE OUTUBRO DE 1961
TURQUIA 1 x 2 UNIÃO SOVIÉTICA
ISTAMBUL, 12 DE NOVEMBRO DE 1961

Num grupo considerado pela imprensa "uma covardia", a União Soviética se classificou. Mas não tão facilmente como todos esperavam. A Turquia deu trabalho e chegou ao último jogo, em Istambul, precisando apenas da vitória para forçar uma partida extra. Os turcos sofreram o primeiro gol – Gusarov, aos 12 minutos – mas empataram 6 minutos depois, com Mamykin. Durante o resto do jogo, a experiência e a frieza do grande goleiro Lev Yashin, do Dínamo de Moscou, fizeram a diferença. Os soviéticos ainda fizeram o gol da vitória a 5 minutos do fim, com Metin.

GRUPO 6 – *INGLATERRA, LUXEMBURGO e PORTUGAL*

LUXEMBURGO 0 x 9 INGLATERRA
LUXEMBURGO, 19 DE OUTUBRO DE 1960
PORTUGAL 6 x 0 LUXEMBURGO
LISBOA, 19 DE MARÇO DE 1961
PORTUGAL 1 x 1 INGLATERRA
LISBOA, 21 DE MAIO DE 1961
INGLATERRA 4 x 1 LUXEMBURGO
LONDRES, 28 DE SETEMBRO DE 1961
LUXEMBURGO 4 x 2 PORTUGAL
LUXEMBURGO, 8 DE OUTUBRO DE 1961
INGLATERRA 2 x 0 PORTUGAL
LONDRES, 25 DE OUTUBRO DE 1961

Entrava Copa e saía Copa e Portugal só pegava dureza nas eliminatórias. Desta vez foi a Inglaterra. Os portugueses quase venceram os ingleses em Lisboa – Águas fez 1 x 0 aos 14 minutos do segundo tempo, mas o médio Flowers conseguiu o empate a 8 minutos do fim. O que ninguém esperava é que, no retorno, Portugal perdesse para os amadores luxemburgueses. Ady Schmitt (profissão chaveiro) marcou 3 gols e tirou os patrícios do Mundial. Time, Portugal tinha (o Benfica foi bicampeão europeu em 1961 e 1962 e Eusébio participou das eliminatórias), mas a Seleção não estava conseguindo repetir esse sucesso. Já a Inglaterra, com Bobby Charlton no time e Bobby Moore na reserva, apostava no artilheiro Jimmy Greaves, 21 anos, do Tottenham, que era considerado, com certo exagero, o melhor atacante da história do futebol britânico.

GRUPO 7 - *ITÁLIA e ROMÊNIA*

Os grupos 7, 9 e 10 da Europa tinham só dois países. Pelo regulamento, o vencedor de cada um teria de disputar a vaga contra um representante de subgrupos asiáticos e africanos. No grupo 7, Itália e Romênia jogariam para pegar o vencedor de Chipre, Israel e Etiópia. Mas os romenos, por problemas políticos, desistiram de participar das eliminatórias, facilitando mais ainda a classificação dos italianos.

SUBGRUPO - *CHIPRE, ETIÓPIA e ISRAEL*

CHIPRE 1 x 1 ISRAEL
NICÓSIA, 13 DE NOVEMBRO DE 1960
ISRAEL 6 x 1 CHIPRE
TEL-AVIV, 27 DE NOVEMBRO DE 1960
ISRAEL 1 x 0 ETIÓPIA
TEL-AVIV, 14 DE FEVEREIRO DE 1961
ISRAEL 3 x 2 ETIÓPIA
TEL-AVIV, 19 DE FEVEREIRO DE 1961

Primeiro, Chipre e Israel disputaram entre si para ver quem enfrentaria a Etiópia. E Israel eliminou facilmente a Seleção Cipriota, que até então só jogara contra alguns times e combinados gregos. Em seguida, os israelenses encararam os etíopes, que decidiram fazer os dois jogos na casa do adversário por questões políticas. E o fator campo acabou sendo decisivo: Israel, que havia importado o técnico da Seleção Húngara de 1954, Gyula Mandi, venceu apertadamente os dois confrontos em Tel-Aviv, classificando-se para pegar a Itália.

FINAL - ISRAEL e ITÁLIA

ISRAEL 2 x 4 ITÁLIA
TEL-AVIV, 15 DE OUTUBRO DE 1961
ITÁLIA 6 x 0 ISRAEL
TURIM, 4 DE NOVEMBRO DE 1961

Em 15 de junho de 1961, a Itália venceu a Argentina por 4 x 1 em Florença. Mas um mês antes tinha perdido para a Inglaterra por 3 x 2 em Roma. E os torcedores estavam na dúvida: qual dos dois resultados representava a verdadeira força da *Azzurra*? O primeiro jogo contra Israel, em Tel-Aviv, não esclareceu muita coisa: a Itália venceu por 4 x 2, mas saiu perdendo por 2 x 0 e só conseguiu a virada no finzinho do segundo tempo. Nessa partida, a Seleção Italiana contou com Altafini - o nosso Mazzola da Copa de 1958 - e o argentino Omar Sivori, ambos naturalizados. No jogo de volta, em Turim, a Itália goleou por 6 x 0, com Sivori marcando quatro vezes. Outro argentino naturalizado, Angelillo, completava o ataque.

GRUPO 8 - *ESCÓCIA, REPÚBLICA DA IRLANDA e TCHECOSLOVÁQUIA*

ESCÓCIA 4 x 1 REPÚBLICA DA IRLANDA
GLASGOW, 3 DE MAIO DE 1961
REPÚBLICA DA IRLANDA 0 x 3 ESCÓCIA
DUBLIN, 7 DE MAIO DE 1961
TCHECOSLOVÁQUIA 4 x 0 ESCÓCIA
BRATISLAVA, 14 DE MAIO DE 1961
ESCÓCIA 3 x 2 TCHECOSLOVÁQUIA
GLASGOW, 29 DE SETEMBRO DE 1961
REPÚBLICA DA IRLANDA 1 x 3 TCHECOSLOVÁQUIA
DUBLIN, 8 DE OUTUBRO DE 1961
TCHECOSLOVÁQUIA 7 x 1 REPÚBLICA DA IRLANDA
PRAGA, 29 DE OUTUBRO DE 1961
TCHECOSLOVÁQUIA 4 x 2 ESCÓCIA
BRUXELAS, 29 DE NOVEMBRO DE 1961

Imaginava-se que a Tchecoslováquia fosse conseguir a vaga até com certa facilidade. Principalmente depois que sua principal oponente, a Escócia, sofreu uma vergonhosa derrota de 9 x 3 para a Inglaterra num jogo do Torneio Britânico de Seleções, disputado em 15 de abril de 1961. Um mês depois, os arrasados escoceses foram de fato facilmente batidos pelos tchecos em Bratislava, por 4 x 0. Mas no jogo de volta, em Glasgow, eles encontraram forças para vencer por 3 x 2, depois de ficar duas vezes atrás no marcador. A inesperada derrota tcheca provocou uma partida de desempate, em Bruxelas, na Bélgica, e lá também as coisas engrossaram: a 8 minutos do fim do jogo, a Escócia vencia por 2 x 1, quando o meia Scherer conseguiu empatar e levar a decisão para a prorrogação. Foi só aí, no sufoco, com gols de Pospichal e Kvasnak, que a Tchecoslováquia finalmente conseguiu carimbar seu passaporte rumo ao Chile.

GRUPO 9 - *ESPANHA e PAÍS DE GALES*

PAÍS DE GALES 1 x 2 ESPANHA
CARDIFF, 19 DE ABRIL DE 1961
ESPANHA 1 x 1 PAÍS DE GALES
MADRI, 18 DE MAIO DE 1961

Depois de ter sido surpreendentemente eliminada pela Escócia da Copa da 1958, a Espanha se preparou para evitar um novo desastre. O Real Madrid continuava a ser o grande time europeu - em 1960, havia conseguido o pentacampeonato da Copa dos Campeões - e cedeu sete de seus astros para a Seleção. Além do argentino Di Stéfano e do uruguaio Santamaria, a Espanha naturalizou o húngaro Ferenc Puskás. E, como todo cuidado era pouco, chegou também um novo técnico. Em 1960, a Seleção tinha sido dirigida por um triunvirato - Ramón Gabilondo, José Luiz Lasplazas e José Luiz Costa -, mas os resultados ficaram bem abaixo do esperado: em 12 jogos, 8 vitórias e 4 derrotas. O novo treinador precisava ser alguém "capaz de deixar os talentos individuais brilharem", como pediam os cronistas da época. E Pedro Escartín, de 59 anos - que já treinara a Seleção em 1952 e 1953 -, foi reconduzido ao cargo. A Espanha realmente passou por País de Gales, mas raspando. Venceu o jogo de ida em Cardiff por 2 x 1, depois de tomar o primeiro gol e só chegar à vitória com um tento de Di Stéfano a 12 minutos do fim. No jogo de volta, um vexame: depois de fazer 1 x 0, aos 10 minutos do segundo tempo, a Fúria permitiu o empate e sofreu com a pressão nos 25 minutos restantes.

SUBGRUPO – *EGITO, GANA, MARROCOS, NIGÉRIA, SUDÃO e TUNÍSIA*

MARROCOS 2 x 1 TUNÍSIA
CASABLANCA, 30 DE OUTUBRO DE 1960
TUNÍSIA 2 x 1 MARROCOS
TÚNIS, 13 DE NOVEMBRO DE 1960
TUNÍSIA 1 x 1 MARROCOS
PALERMO, 22 DE JANEIRO DE 1961
GANA 4 x 1 NIGÉRIA
ACRA, 28 DE AGOSTO DE 1960
NIGÉRIA 2 x 2 GANA
LAGOS, 10 DE SETEMBRO DE 1960
GANA 0 x 0 MARROCOS
ACRA, 2 DE ABRIL DE 1961
MARROCOS 1 x 0 GANA
CASABLANCA, 28 DE MAIO DE 1961

Egito e Sudão, os outros dois países que deveriam integrar o subgrupo, comunicaram à Fifa que se recusavam a jogar entre si, por questões ideológicas, e retiraram suas inscrições. A primeira série, entre Marrocos e Tunísia, foi absolutamente igual: uma vitória para cada lado pelo mesmo marcador (2 x 1), o que levou a um jogo extra, disputado no estádio Communale de Palermo, na Itália. O jogo acabou empatado em 1 x 1 e a prorrogação terminou sem gols. Como ditava o regulamento, foi realizado um sorteio para definir quem seguiria adiante. E deu Marrocos. Na segunda série, Gana se classificou contra a Nigéria, com uma vitória folgada em casa e um empate fora, e foi enfrentar o Marrocos com muita confiança. Confiança até demais, porque os marroquinos – muitos dos quais tinham experiência em times da França – seguraram um empate sem gols em Acra e conseguiram 1 golzinho em Casablanca, qualificando-se para enfrentar a Espanha.

FINAL – *ESPANHA e MARROCOS*

MARROCOS 0 x 1 ESPANHA
CASABLANCA, 12 DE NOVEMBRO DE 1961
ESPANHA 3 x 2 MARROCOS
MADRI, 23 DE NOVEMBRO DE 1961

Novamente, o milionário ataque espanhol – Aguirre, Del Sol, Di Stéfano, Puskas e Gento – patinou. No jogo de ida, Del Sol só marcou o gol da vitória aos 35 minutos do segundo tempo. No jogo de volta, em Madri, todos esperavam uma goleada implacável. A Espanha abriu o marcador, os marroquinos empataram e Di Stéfano, aos 44 minutos do primeiro tempo, conseguiu fazer 2 x 1. Na etapa final, quando finalmente a Espanha marcou seu terceiro gol, os marroquinos responderam em seguida: 3 x 2. Faltavam ainda 25 minutos para o fim do jogo e a Espanha, para espanto da torcida, recuou para garantir o resultado. E, sob muitas vaias, se classificou para ir ao Chile.

GRUPO 10 – *IUGOSLÁVIA e POLÔNIA*

IUGOSLÁVIA 2 x 1 POLÔNIA
BELGRADO, 4 DE JUNHO DE 1961
POLÔNIA 1 x 1 IUGOSLÁVIA
CHORZOW, 25 DE JUNHO DE 1961

O vencedor desse grupo disputaria uma vaga com o vencedor do subgrupo asiático. Campeã olímpica de futebol em Roma, em 1960 (venceu a Dinamarca na final, por 3 x 1), a Iugoslávia tinha revelado alguns promissores talentos, como Galic e Kostic, que juntos haviam marcado 12 dos 17 gols de seu país na Olimpíada. Já a Polônia tinha feito uma má campanha olímpica (eliminada logo na primeira fase). Como os dois países eram socialistas – e, portanto, seus jogadores eram considerados amadores –, as mesmas equipes que disputaram os Jogos Olímpicos puderam participar das eliminatórias. E a lógica indicava que a Iugoslávia passaria facilmente pela Polônia, como realmente passou: com uma vitória em casa (gols de Galic e Kostic) e um empate fora.

SUBGRUPO ASIÁTICO – *CORÉIA DO SUL, JAPÃO e INDONÉSIA*

CORÉIA DO SUL 2 x 1 JAPÃO
SEUL, 6 DE NOVEMBRO DE 1960
JAPÃO 0 x 2 CORÉIA DO SUL
TÓQUIO, 11 DE JUNHO DE 1961

A Indonésia desistiu de competir, deixando a decisão por conta de Japão e Coréia do Sul. Os dois países já tinham se enfrentado nas eliminatórias para a Copa de 1954, quando a Coréia se classificou com certa facilidade. Mas, desta vez, a disputa prometia ser mais equilibrada: durante o ano de 1959, os dois países haviam jogado entre si quatro vezes, com duas vitórias sul-coreanas, uma japonesa e um empate. Apesar dos esforços do Japão, a Coréia conseguiu novamente levar a melhor, com duas vitórias. Só que, ao contrário do que havia ocorrido em 1954, quando foi direto para a Copa, desta vez a vaga seria decidida em duas partidas contra a Iugoslávia.

FINAL – *CORÉIA DO SUL e IUGOSLÁVIA*

IUGOSLÁVIA 5 x 1 CORÉIA DO SUL
BELGRADO, 8 DE OUTUBRO DE 1961
CORÉIA DO SUL 1 x 3 IUGOSLÁVIA
HYOCHANG, 26 DE NOVEMBRO DE 1961

Foi um confronto desigual: a Iugoslávia, mais sólida e mais rodada, nem tomou conhecimento dos sul-coreanos, esforçados mas muito inocentes. Assim, com a eliminação de Coréia do Sul, Marrocos e Israel, a Ásia e a África ficaram sem representantes na Copa.

GRUPO 11 – *ARGENTINA e EQUADOR*

EQUADOR 3 x 6 ARGENTINA
GUAYAQUIL, 4 DE DEZEMBRO DE 1960
ARGENTINA 5 x 0 EQUADOR
BUENOS AIRES, 17 DE DEZEMBRO DE 1960
Diante do frágil Equador, mesmo jogando em Guayaquil, a Argentina fez o que era esperado: abriu 6 x 0 e só quando relaxou em campo os equatorianos conseguiram marcar três vezes – aos 36, 38 e 40 minutos do segundo tempo. No jogo de volta, em Buenos Aires, o Equador resistiu um pouquinho – terminou o primeiro tempo perdendo só por 1 x 0 –, mas não escapou de outra goleada. O técnico do Equador era o uruguaio Juan Lopez, o mesmo que se sagrou campeão mundial com o Uruguai em 1950, no Maracanã. Já a Argentina tinha feito uma faxina geral: da equipe que deu vexame na Copa de 1958, só havia sobrado um jogador, o ponteiro-direito Oreste Corbatta, 23 anos, do Racing Club. E o ataque estava fortalecido com a presença de José Sanfilippo, do San Lorenzo, quatro vezes seguidas artilheiro do Campeonato Argentino, de 1958 a 1961. Ironicamente, Sanfilippo estava na Seleção de 1958, mas não foi aproveitado em nenhum jogo daquela Copa.

GRUPO 12 – *BOLÍVIA e URUGUAI*

BOLÍVIA 1 x 1 URUGUAI
LA PAZ, 15 DE JULHO DE 1961
URUGUAI 2 x 1 BOLÍVIA
MONTEVIDÉU, 30 DE JULHO DE 1961
A altitude de La Paz era, como sempre foi, a maior arma boliviana. E lá o Uruguai terminou o primeiro tempo vencendo com 1 gol de Luis Cubilla aos 25 minutos, mas sentiu a falta de oxigênio. Cedeu o empate aos 8 minutos do segundo tempo e daí em diante levou um enorme sufoco. Na partida de volta, os uruguaios abriram 2 x 0 no primeiro tempo e se garantiram na Copa.

GRUPO 13 – *COLÔMBIA e PERU*

COLÔMBIA 1 x 0 PERU
BOGOTÁ, 30 DE ABRIL DE 1961
PERU 1 x 1 COLÔMBIA
LIMA, 7 DE MAIO DE 1961
As eliminatórias sul-americanas dariam direito a três vagas para a Copa. Como Brasil e Chile já estavam qualificados e como Argentina e Uruguai eram favoritos nos grupos 11 e 12, era quase certo que a terceira vaga ficaria com o Paraguai. Mas a Fifa resolveu adotar um critério diferente: escalou o Paraguai para disputar a vaga contra o vencedor do grupo 14, qe reunia os países das Américas Central e do Norte. Assim, a oportunidade de ir à Copa caiu do céu para Colômbia ou Peru (que era o favorito). Os peruanos tinham um melhor padrão de jogo, refinado durante anos por seu treinador, o húngaro Gyorgy Orth. Mas, dentro de campo, a Colômbia se superou, vencendo a duras penas o primeiro jogo em casa – 1 x 0, gol de Escobar aos 27 minutos do primeiro tempo. No jogo de volta, o Peru teve um pênalti logo no início – convertido por Delgado, aos 3 minutos –, mas os colombianos conseguiram empatar, com Gonzalez, aos 23 minutos do segundo tempo. E foi só. O Peru ficou de fora e a Colômbia garantiu a participação no Mundial do Chile.

GRUPO 14 – *AMÉRICA CENTRAL e AMÉRICA DO NORTE*

Pelo regulamento, seriam formados três subgrupos. Os três vencedores disputariam um turno decisivo, e, finalmente, o campeão enfrentaria o Paraguai por uma vaga na Copa.

SUBGRUPO I – *CANADÁ, ESTADOS UNIDOS e MÉXICO*

ESTADOS UNIDOS 3 x 3 MÉXICO
LOS ANGELES, 6 DE NOVEMBRO DE 1960
MÉXICO 3 x 0 ESTADOS UNIDOS
CIDADE DO MÉXICO, 13 DE NOVEMBRO DE 1960
O Canadá desistiu de participar e o México conseguiu passar pelos Estados Unidos sem maiores atropelos. No jogo de ida, os mexicanos venciam por 3 x 0 aos 21 minutos do primeiro tempo, mas relaxaram e acabaram permitindo o empate. No jogo de volta, o México sacramentou a vaga para a fase seguinte, novamente com 3 gols ainda no primeiro tempo.

SUBGRUPO II – *COSTA RICA, GUATEMALA e HONDURAS*

COSTA RICA 3 x 2 GUATEMALA
SAN JOSÉ, 21 DE AGOSTO DE 1960
GUATEMALA 4 x 4 COSTA RICA
CIDADE DA GUATEMALA, 28 DE AGOSTO DE 1960
HONDURAS 2 x 1 COSTA RICA
TEGUCIGALPA, 4 DE SETEMBRO DE 1960
COSTA RICA 5 x 0 HONDURAS
SAN JOSÉ, 11 DE SETEMBRO DE 1960
HONDURAS 1 x 1 GUATEMALA
TEGUCIGALPA, 25 DE NOVEMBRO DE 1960
GUATEMALA (0) x (3) HONDURAS
JOGO MARCADO PARA 2 DE OUTUBRO DE 1960

SUBGRUPO II – *COSTA RICA, GUATEMALA e HONDURAS* (continuação)

COSTA RICA 1 x 0 HONDURAS

CIDADE DA GUATEMALA, 14 DE JANEIRO DE 1961

Favorita para vencer o subgrupo, a Costa Rica fez 5 pontos em quatro jogos. Na última partida, Honduras (3 pontos em três jogos) precisava vencer a Guatemala (2 pontos em três jogos) para se igualar na liderança e provocar um jogo extra. E foi o que aconteceu, só que de um jeito muito estranho. Na Guatemala, havia duas federações rivais, que disputavam o poder sobre o futebol do país. No dia da decisão, a equipe da Guatemala que entrou em campo era a da federação não filiada à Fifa. E Honduras, previamente avisada, se recusou a jogar. No mês seguinte, o tribunal da Fifa concedeu a vitória para os hondurenhos, pelo placar simbólico de 3 x 0. Assim, a Guatemala ficou de fora e Costa Rica e Honduras ficaram empatadas com 5 pontos e partiram para o confronto extra – ironicamente, na Cidade da Guatemala. E os costa-riquenhos, com a vitória de 1 x 0, finalmente conseguiram a vaga para a fase seguinte.

SUBGRUPO III – ANTILHAS HOLANDESAS e SURINAME

SURINAME 1 x 2 ANTILHAS HOLANDESAS

PARAMARIBO, 2 DE OUTUBRO DE 1960

ANTILHAS HOLANDESAS 1 x 0 SURINAME

WILLEMSTAD, 27 DE NOVEMBRO DE 1960

Tanto o Suriname quanto as Antilhas eram possessões holandesas no Caribe e estavam acostumadas a competir entre si. Qualquer resultado seria considerado lógico – e as Antilhas se classificaram para as finais com duas vitórias.

FINAIS – *ANTILHAS HOLANDESAS, COSTA RICA e MÉXICO*

COSTA RICA 1 x 0 MÉXICO

SAN JOSÉ, 22 DE MARÇO DE 1961

COSTA RICA 6 x 0 ANTILHAS HOLANDESAS

SAN JOSÉ, 29 DE MARÇO DE 1961

MÉXICO 7 x 0 ANTILHAS HOLANDESAS

CIDADE DO MÉXICO, 5 DE ABRIL DE 1961

MÉXICO 4 x 1 COSTA RICA

CIDADE DO MÉXICO, 12 DE ABRIL DE 1961

ANTILHAS HOLANDESAS 2 x 0 COSTA RICA

WILLEMSTAD, 23 DE ABRIL DE 1961

ANTILHAS HOLANDESAS 0 x 0 MÉXICO

WILLEMSTAD, 21 DE MAIO DE 1961

Costa Rica e México eram grandes rivais e faziam jogos disputados. Mas a vitória costa-riquenha em San José foi a primeira desde 1935. As Antilhas Holandesas, que eram presa fácil fora de casa, tinham uma vantagem em Willemstad: o campo de areia batida. Desacostumados, os costa-riquenhos acabaram derrotados. No último jogo, o México conseguiu bravamente segurar um empate no areal e se classificou para a grande contra o Paraguai. Para Costa Rica sobrou o consolo de ter estabelecido um recorde: nove jogos numa única eliminatória.

PLAYOFF – *MÉXICO e PARAGUAI*

MÉXICO 1 x 0 PARAGUAI

CIDADE DO MÉXICO, 29 DE OUTUBRO DE 1961

PARAGUAI 0 x 0 MÉXICO

ASSUNÇÃO, 5 DE NOVEMBRO DE 1961

Com 1 gol solitário do meia Salvador Reyes, do Guadalajara, aos 20 minutos do segundo tempo, o México venceu o jogo de ida. Na volta, no estádio Puerto Sajonia, em Assunção, os mexicanos se fecharam na defesa e garantiram a ida para a Copa.

De novo, só Europa e América

A exemplo do que já ocorrera nas Copas de 1930, 1950 e 1958, apenas países da Europa e das Américas se classificaram para o Mundial de 1962, no Chile. Como de praxe, os donos da casa e o último campeão (o Brasil) já tinham vaga assegurada. As eliminatórias, que se estenderam por 15 meses, entre 21 de agosto de 1960 e 29 de novembro de 1961, definiram os outros 14 classificados. Confira a lista.

- Alemanha Ocidental
- Argentina
- Brasil
- Bulgária
- Chile
- Colômbia
- Espanha
- Hungria
- Inglaterra
- Itália
- Iugoslávia
- México
- Suíça
- Tchecoslováquia
- União Soviética
- Uruguai

Receita de campeão

O capitão Mauro segura a taça abraçado ao chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho: o Brasil confirmou o favoritismo e voltou para casa bicampeão

MANCHETE

A CBD decidiu repetir a trajetória vitoriosa de 1958. Com uma vantagem: nossa Seleção, sem o velho complexo de inferioridade, jogava muito e quase sempre massacrava os adversários. O bi estava muito perto

Depois da Copa de 1958, quando ganhou o título na Suécia, a Seleção do Brasil entrou em campo 32 vezes, conseguindo 28 vitórias, 2 empates e apenas 2 derrotas (para Uruguai e Argentina). Nesses jogos, foram 102 gols a favor e 31 contra. Melhor ainda, em 1961 e 1962 foram 11 partidas e 11 vitórias. Nesses dois anos, o técnico já era Aymoré Moreira, porque Vicente Feola tinha sido acometido de nefrite aguda e também padecia de crônicos problemas cardíacos. Mas, tirando Feola, a comissão técnica de 1962 era a mesma de 1958. O presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange, decidira repetir, tintim por tintim, o **planejamento** tão bem-sucedido de quatro anos antes.

O chefe da delegação brasileira, Paulo Machado de Carvalho, levou tão ao pé da letra a ordem de Havelange para repetir todos os passos da vitoriosa campanha de 1958 que começou tirando do armário o mesmo terno marrom, cheirando a naftalina, que usara durante toda a campanha em gramados suecos.

Os jogadores também seriam, na medida do possível, os mesmos. Incluindo Nilton Santos, que afirmara em várias entrevistas que tinha dado o máximo de si para aproveitar a chance de ser campeão do mundo, porque "nunca mais haveria outra". Mas aos 37 anos, completados em 16 de maio de 1962, ele não só estava na lista como ainda era o titular absoluto da lateral esquerda, posição em que ele nem atuava mais – era zagueiro de área no Botafogo. Tanto que o novo lateral botafoguense, Rildo, estava na primeira lista de convocados.

Aymoré Moreira, de 50 anos, tinha o apelido de Biscoito por uma coincidência de nomes – no início de sua carreira, em 1930, como goleiro do Sport Club Brasil carioca, a Biscoitos Aymoré era a mais popular fabricante de biscoitos do Rio. Aymoré havia passado no teste do "técnico disposto a escutar e a conversar", o mesmo perfil do ausente Vicente Feola. E foi mantido no cargo. Feola, mesmo fora de combate, recebeu o título simbólico de assessor do supervisor. O supervisor era o mesmo, Carlos Nascimento, e o resto da comissão técnica também: Paulo Amaral e o doutor Hilton Gosling.

Outro que permaneceu foi o observador Ernesto dos San-

tos – na intimidade, chamado de Espião –, cujo trabalho era xeretar os treinos dos adversários e depois reproduzir em gráficos as táticas dos inimigos, para análise da comissão técnica. Já os préstimos e os testes psicológicos do professor João Carvalhes não foram necessários, porque o Brasil jogara no lixo o velho complexo de inferioridade. Mesmo assim, haveria uma avaliação dos jogadores, só para ter certeza – e o escolhido foi o psicólogo Ataíde Ribeiro. As piadas do dentista Mario Trigo de Loureiro, entretanto, continuavam em alta. Mario Américo, o eterno massagista, e Francisco de Assis, o roupeiro, estavam firmes na turma. A novidade da vez era Aristides Pereira, misto de cozinheiro e sapateiro – pois fazia chuteiras sob medida.

Os outros membros da delegação eram Mozart Machado Di Giorgio (superintendente), José de Almeida (administrador), Ronald Vaz Moreira (tesoureiro) e Adolfo Marques Júnior (que, em 1958, tinha sido o tesoureiro e em 1962 foi o secretário). O jornalista oficial foi Ricardo Serran, de *O Globo*. Para o Congresso da Fifa foram quatro delegados: Luiz Murgel, Abílio Ferreira D'Almeida, Paulo Costa e Antonio do Passo. O clima era tão tranqüilo que quase ninguém percebeu que a "ala paulista" da delegação ficara limitada ao doutor Paulo. Mario Américo, embora massagista da Portuguesa de Desportos, era carioca. Na última hora, ainda foram adicionados dois "convidados de honra": João Mendonça Falcão e João de Paiva Menezes.

A primeira lista

Na primeira convocação, foram chamados 41 jogadores (23 paulistas, 17 cariocas e 1 gaúcho). O interessante é que, em 1966, um dos motivos encontrados para explicar o fracasso na Copa da Inglaterra foi "a absurda convocação de 45 jogadores". Em 1962, foram apenas quatro a menos e ninguém achou absurdo. A diferença é que, em 1966, a desorganização permitiu pressões de todos os tipos. Em 1962, qualquer brasileiro, incluindo os índios do Xingu, sabia de cor a escalação da Seleção – e o nome de pelo menos 15 dos 22 que iriam ao Chile.

Em abril, os jogadores seguiram para Campos do Jordão, para exames clínicos. O doutor Gosling montou uma equipe de dez médicos e eles logo perceberam que muitos craques tinham algo insuspeitado: calos. E um enfermeiro-calista foi chamado. De Campos do Jordão, todos foram treinar, primeiro em Friburgo (RJ) e depois em Serra Negra (SP). Em um mês, a comissão técnica decidiu quem seriam os 22. E, como em 1958, a divisão foi razoavelmente equilibrada (13 jogadores atuavam em clubes paulistas e 9 em clubes cariocas).

Goleiros: Gilmar (*Santos*) e Castilho (*Fluminense*).

Laterais: Djalma Santos (*Palmeiras*), Nilton Santos (*Botafogo*), Jair Marinho (*Fluminense*) e Altair (Fluminense).

Zagueiros: Mauro (*Santos*), Bellini (*São Paulo*), Zózimo (*Bangu*) e Jurandir (*São Paulo*).

Meio-campo: Zito (*Santos*), Didi (*Botafogo*), Zequinha (*Palmeiras*) e Mengálvio (*Santos*).

Atacantes: Garrincha (*Botafogo*), Zagalo (*Botafogo*), Vavá (*Palmeiras*), Pelé (*Santos*), Jair da Costa (*Portuguesa de Desportos*), Coutinho (*Santos*), Amarildo (*Botafogo*) e Pepe (*Santos*).

O BRASIL EM 1962

Na política, só crise

A situação por estas bandas não andava nada boa. Os cinco anos do ciclo JK haviam terminado em 1960 e o povo brasileiro ainda comemorava o fato de que Juscelino Kubitschek havia sido o primeiro presidente da República, desde o longínquo ano de 1930, a ser eleito pelo voto popular e ter concluído seu mandato. Mas na época nem os mais pessimistas poderiam imaginar que tal fato só se repetiria dali a inacreditáveis 38 anos, quando a primeira gestão de Fernando Henrique Cardoso chegou ao fim, em 1998.

Jânio Quadros, mato-grossense de berço (nasceu em Campo Grande em 25 de janeiro de 1917) e paulista por opção, tinha sido eleito presidente em 1960 com uma votação expressiva – 5,6 milhões de votos, 48% do total. Em sua campanha, Jânio usara um símbolo de forte apelo popular, a vassoura, e com ela prometia "varrer a bandalheira". O povo acreditou, mas Jânio não ficou nem oito meses no cargo. Ele renunciou no dia 24 de agosto de 1961, desiludindo metade do Brasil – e dando razão à outra metade, que desconfiava de sua sanidade mental. Em 19 de agosto de 1961, uma semana antes da renúncia, Jânio deixou os militares brasileiros de cabelo em pé, ao condecorar o guerrilheiro argentino Ernesto 'Che' Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais elevada das honrarias nacionais. Foi o que bastou para o presidente ser tachado de "comunista" – adjetivo que, na época, equivalia a xingar a mãe.

O vice-presidente, o gaúcho João Goulart, o Jango, estava na China. Os militares brasileiros achavam que ele era ainda mais comunista que Jânio e, por isso, não devia ser empossado. Para que a Constituição não fosse rasgada, chegou-se a um meio-termo: ele assumiria a presidência, mas o regime político do Brasil mudaria de presidencialista para parlamentarista. Ou seja, Jango virou uma espécie de rainha da Inglaterra, com o primeiro-ministro dando as cartas.

Tancredo Neves foi eleito para o cargo e, mineiramente, conduziu o frágil barco político nacional durante oito meses, mas em junho de 1962 também renunciou. E justo na hora em que Pelé, no Chile, sofria uma distensão na virilha. No Brasil, começavam a pintar sérias ameaças de greve e de saques em estabelecimentos comerciais, causados pelo desabastecimento de feijão e arroz. Um caos que poderia resultar num golpe militar e acabar com a democracia. E uma grande pergunta passou a ser feita pelo povo brasileiro: "Pelé está fora da Copa?"

Porque crise é crise, mas futebol é futebol. E, no meio do forrobodó político, um mês antes da Copa, Jackson do Pandeiro – nascido José Gomes Filho, na Paraíba, e autor do *boogie-woogie* nordestino "Chiclete com Banana" – lançou o quase profético "Frevo do Bi", de autoria de Brás Marques e Diógenes Bezerra: "Vocês vão ver como é / Didi, Garrincha e Pelé / Dando seu baile de bola / Quando eles pegam no couro / O nosso escrete de ouro / Mostra o que é nossa escola / Quando a peleja esquentar / E Vavá de calcanhar / Entregar a pelota a Mané / Mané Garrincha a Didi / Didi diz é por aqui / E aí vem o gol de Pelé".

O MELHOR DO BRASIL
É O BRASILEIRO

W/Brasil

Hot Pocket® Sadia tem 4 novos sabores. Você e o microondas vão ser inseparáveis.

"O melhor do Brasil é o brasileiro" provém de obra de Câmara Cascudo.

Hot Pocket® é o lanche que fica pronto em dois minutos, direto do freezer para o microondas. Sai quentinho, douradinho, delicioso. E agora tem 4 novos sabores: Calabresa com Requeijão, Quatro Queijos, Palmito e Peito de Peru com Requeijão. Hot Pocket® Sadia. Melhor que feito na hora, é feito em minutos.

www.hotpocket.com.br

Palavras Cruzadas Diretas

Bolas E BOLINHAS

Antes da viagem, Pelé trocou passes com os filhos do presidente na Granja do Torto. No Chile, médicos bem que tentaram punir o doping, mas ninguém parecia preocupado com o uso de substâncias "excitantes"

No dia 19 de maio de 1962, a Seleção fez o último treino no Brasil, no campo do Fluminense. Daí, começou aquela peregrinação de sempre por gabinetes políticos. Às 18 horas, a delegação foi recebida pelo governador da Guanabara, Carlos Lacerda. Às 19 horas, houve recepção na residência do embaixador do Chile, Ruiz-Solar. No dia seguinte, às 10 da manhã, a delegação levantou vôo do aeroporto do Galeão em direção a Brasília, onde João Goulart convidou todo o ministério para um almoço de despedida na Granja do Torto. E Pelé ainda teve de bater uma bolinha no jardim com os filhos do presidente, João Vicente e Denise – já que Jango parecia ter uma natural incapacidade para chutar uma bola e não quis dar vexame na hora das fotografias.

De Brasília, a Seleção rumou para Campinas, no interior de São Paulo, de onde embarcou para o Chile. Impossibilitado de viajar por ordem médica, Vicente Feola despediu-se dos jogadores por telefone. Finalmente, às 19h30 de 20 de maio, nosso escrete levantou vôo do aeroporto de Viracopos com destino a Viña del Mar, com direito a novas repetições, para dar sorte. O avião da Panair do Brasil era o mesmo de quatro anos antes, na viagem até a Suécia. E também o piloto, o capitão Guilherme Bungner, era o mesmo (como ele tinha um cavanhaque em 1958, foi instado a recriá-lo em 1962).

Treinos e frio

O Brasil ficou no grupo de Valparaíso. A cidade é como Salvador: tem uma parte alta e uma parte baixa, onde ficam as praias. O balneário de Viña del Mar, a apenas 7 quilômetros, tem *playas chiquitas* e cassinos sempre lotados. A Seleção se

AG. EFE

Di Stéfano *(à dir.)* e Puskás: os craques "espanhóis" não viam problema no doping

Quase ao vivo

Além de ouvir as vibrantes transmissões dos locutores de rádio – o radinho portátil foi a grande sensação do início da década de 1960, comparável à febre do celular dos anos 1990 –, os brasileiros puderam pela primeira vez ver os jogos pela televisão. O videotape embarcava no Chile, de avião, e era apresentado aqui apenas dois dias depois de cada jogo. Para que isso se tornasse realidade, um sério problema precisou ser superado: em 1960, o Chile não tinha condições técnicas para gravar as partidas. Atendendo a um pedido da Fifa, o multimilionário mexicano Emílio Azcárraga, dono da Televisa e, mais tarde, do próprio estádio Azteca, na Cidade do México, instalou os equipamentos necessários. Para a América do Sul, era um progresso enorme. Para a Europa, nem tanto, pois muitos jogos das Copas de 1954 e 1985 tinham sido televisionados ao vivo para diversos países.

instalou ali perto, em Quilpué, ou Ciudad del Sol, nos chalés de uma pitoresca pousada de férias, El Retiro. No dia 24 de maio, foi realizado um jogo-treino contra o Wanderers, clube de Viña e da primeira divisão chilena. No primeiro tempo, jogou a equipe titular do Brasil, que venceu por 2 x 1. No segundo tempo, entrou a equipe reserva, que perdeu por 1 x 0. No domingo seguinte, dia 27, a Seleção fez seu último jogo-treino antes da Copa, goleando o outro time local, o Everton, por 9 x 1. Desta vez, os reservas se comportaram bem melhor, vencendo o segundo tempo por 5 x 0. Antes do jogo, às 10 horas, os atletas receberam 30 dólares, o equivalente a dez diárias, e houve missa na concentração. Cada jogador recebeu também uma medalhinha benta, junto com uma mensagem do **papa** João XXIII: "Ficarei rezando para que o Brasil consiga repetir o feito de 1958".

Para muitos, a mensagem papal foi interpretada como sendo a confirmação de que Deus é brasileiro, já que seu representante aqui na Terra também havia se engajado na torcida pelo bicampeonato mundial de futebol.

No fim de maio, a temperatura começou a cair, anunciando a chegada do inverno. No dia 2 de junho, em Santiago, os termômetros marcaram, às 8 da manhã, 8 graus centígrados – a temperatura mais baixa do ano até então. O frio contribuiu para uma das lembranças mais vivas da Seleção Brasileira na Copa do Chile: nossos jogadores em campo com camisas de mangas compridas.

Troca-troca e *doping*

Três dias antes do início da disputa, a Fifa se reuniu em Santiago e tomou uma decisão importante: o fim das naturalizações "espertas" de atletas. A partir de 1966, um jogador só poderia jogar pela Seleção de um país que não o seu de origem se um de seus genitores tivesse nascido lá. Além disso, alguém que atuasse pela Seleção de um país em jogos oficiais – nem que fosse um só – não poderia entrar em campo com a camisa de outro, independentemente de ter-se naturalizado. Assim, a Copa de 1962 seria a última a permitir a participação de atletas com cidadania por conveniência, como os "espanhóis" Di Stéfano (argentino), Santamaría (uruguaio), Martinez (paraguaio) e Puskás (húngaro) ou os "italianos" Altafini e Sormani (brasileiros), Sivori e Maschio (argentinos).

Ainda fora dos gramados, a primeira polêmica da Copa de 1962 foi sobre o doping (cientificamente conhecido como *"aminas simpatomiméticas"* e popularmente, como "bolinhas"). O Congresso Médico de Santiago levantou a lebre, mas o argentino naturalizado espanhol Di Stéfano declarou, sem nenhum pudor, que não via problemas em um jogador tomar pílulas excitantes – ainda não se usava a expressão estimulantes. O delegado uruguaio, Luis Troccoli, considerou a declaração absurda e sugeriu que a Fifa apurasse o doping e punisse os espertinhos. O problema era: como? Até havia métodos para detectar o uso – exame de urina, por exemplo. O que não havia era uma lista de substâncias proibidas. Na época, o único país que estava tentando criar uma legislação específica era a Itália. Logo, é provável que o doping, cujo nome veio do turfe, em que os cavalos eram "excitados" antes dos páreos, tenha corrido solto durante todo o Mundial.

O estádio Nacional, em Santiago: para 65 000 pessoas

Templos da bola

Apenas quatro estádios foram utilizados durante a Copa de 1962, no Chile. O de Viña del Mar foi construído especialmente para a competição

Cidade	Estádio	Capacidade	Jogos
Santiago	Nacional	65 000	10
Viña del Mar	Sausalito	18 000	8
Arica	Municipal	13 000	7
Rancagua	Municipal	11 000	7

Rojão: R$ 20,00.
Morteiro: R$ 8,00.
Foguetinho: R$ 12,00.
Uma bomba no ângulo: não tem preço.
MasterCard
MasterCard Maestro
FIFA WORLD CUP GERMANY 2006
Cartões Oficiais
Existem coisas que o dinheiro não compra.
Para todas as outras existe MasterCard®.

O Mundial, jogo a jogo

Pela primeira vez em sete Copas, a Fifa repetiu uma fórmula de disputa: como em 1958, o Mundial do Chile teve, nas oitavas-de-final, quatro grupos com quatro times (e os dois primeiros de cada grupo passariam para as quartas-de-final). Mas 1962 não teve cabeças de chave. Na hora do sorteio, foram criados três blocos. Num, ficaram seleções sul-americanas (Brasil, Chile, Argentina e Uruguai), que foram uma para cada grupo. No segundo, aquelas teoricamente mais fracas (Colômbia, México, Bulgária e Suíça), também uma para cada grupo. E, finalmente, o pelotão intermediário – de oito equipes fortes e tecnicamente equivalentes – foi distribuído por sorteio, com dois países por grupo. Após os jogos das oitavas-de-final, caso dois times terminassem empatados no primeiro ou no segundo lugar, a decisão seria pelo goal average. Assim, foram eliminados os fatídicos jogos extras, que drenavam as energias das seleções envolvidas. O *goal average* (a divisão dos gols marcados pelos gols sofridos) é um sistema usado desde sempre na Inglaterra – e por isso a Fifa o adotou na Copa. No Brasil, equivocadamente, a expressão era sinônimo de saldo de gols (a diferença entre gols marcados e sofridos).

Oitavas-de-final

GRUPO 1 COLÔMBIA, IUGOSLÁVIA, UNIÃO SOVIÉTICA e URUGUAI

URUGUAI 2 x 1 COLÔMBIA

Data: 30 de maio de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Carlos Dittborn, em Arica
Público: 7 908 pessoas
Gols: *Zuluaga* (pênalti, 19 do 1º); *Luis Cubilla* (13) e *Sasia* (29 do 2º)
Uruguai – *Sosa, Troche, Emilio Alvarez e Mendez; Gonsalvez e Eliseo Alvarez; Luis Cubilla, Langon, Sasia, Pedro Rocha e Perez.*
Técnico: Juan Carlos Corazzo
Colômbia – *Sanchez, Zuluaga, Echeverry e Jaime Gonzalez; Lopez e Silva; Aceros, Coll, Klinger, Gamboa e Arias.*
Técnico: Adolfo Pedernera
Juiz: Andor Dorogy (Hungria)
Auxiliares: Etzel (Brasil) e Galba (Tchecoslováquia)

Nova geração

O Uruguai levou para a Copa uma nova geração, com destaque para o meia Pedro Rocha, do Peñarol, e o imprevisível – tanto tecnicamente quanto emocionalmente – ponteiro Luis Cubilla, do Nacional. Mas a Colômbia, sem grandes craques, surpreendeu e saiu na frente. Mesmo dominando o jogo, os uruguaios demoraram a achar o caminho do gol, e ainda levaram um susto quando Marcos Coll acertou um chute na trave no último lance do primeiro tempo. Na etapa final, Cubilla conseguiu o empate aos 13 minutos e o azar atrapalhou definitivamente os planos da Colômbia 8 minutos depois, quando Zuluaga fraturou a perna. Com dez em campo, os colombianos não puderam mais conter o Uruguai, que conseguiu o gol da vitória. Nos últimos 10 minutos, o meia colombiano Gamboa, mancando, ficou fazendo número na ponta esquerda.

Fim do castigo

A Fifa suspendeu o castigo imposto aos árbitros brasileiros na Copa de 1958 – resultado do fuzuê armado por Mario Vianna em 1954. Assim, o paulista João Etzel Filho apareceu como bandeirinha já no primeiro dia da competição.

Os sem-Copa

O técnico da Colômbia era Adolfo Pedernera, 44 anos, um dos grandes craques da história do futebol da Argentina, mas que nunca disputou uma Copa como jogador. Seu auge ocorreu nos anos 1940, a década dos sem-Copa, quando fez parte de um famoso ataque do River Plate: Moreno, Di Stéfano, Pedernera, Labruna e Lostau. O mais jovem dos cinco, Di Stéfano, 39 anos em 1962, foi inscrito pela Espanha no Mundial.

UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 0 IUGOSLÁVIA

Data: 31 de maio de 1962, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Carlos Dittborn, em Arica
Público: 9 622 pessoas
Gol: *Ivanov* (6) e *Ponedelnik* (39 do 2º)
União Soviética – *Yashin, Dubinski, Maslyenkin e Ostrovski; Voronin e Igor Netto; Chislenko, Ivanov, Ponedelnik, Kanevski e Meshki.*
Técnico: Gavril Katchalin
Iugoslávia – *Soskic, Durkovic, Markovic e Jusufi; Matus e Popovic; Mujic, Sekularac, Jerkovic, Galic e Skoblar.*
Técnicos: Hugo Rusavljanin e Prvoslav Mihajlovic
Juiz: Albert Dusch (Alemanha Ocidental)
Auxiliares: Robles (Chile) e Etzel (Brasil)

Replay de Paris

Em julho de 1960, havia sido disputada, em Paris, a primeira edição da Copa da Europa de Seleções. E a União Soviética conquistou o título, vencendo na final a Iugoslávia por 2 x 1, com 1 gol decisivo de Ponedelnik, na prorrogação. Mas nem tudo foi festa. O artilheiro Ponedelnik saiu direto para um hospital, com suspeita de fratura numa costela, e o meia Chislenko levou 12 pontos num corte no supercílio. Pelo lado iugoslavo, Matus rompeu o septo nasal. Dois anos depois, os dois países se encontraram novamente, no Chile. E repetiram o jogo anterior: a Iugoslávia atacou mais, o goleiro Yashin pegou tudo, a União Soviética conseguiu seus 2 gols em jogadas rápidas de contra-ataque e os iugoslavos perderam a cabeça. No segundo tempo, o ponteiro Vojslav Mujic, capitão iugoslavo, deu uma entrada desleal em seu marcador, Dubinski, quebrando-lhe a tíbia e o perônio da perna direita (e, como se descobriu mais tarde, inutilizando-o para o futebol). Apesar de o juiz não ter tomado nenhuma atitude na hora do lance, após o jogo a comissão técnica da Iugoslávia não deixou barato: mandou seu capitão imediatamente de volta para Belgrado. Uma incrível demonstração de esportividade – ou, talvez, de receio quanto às reações que poderiam vir de Moscou.

IUGOSLÁVIA 3 x 1 URUGUAI

Data: 2 de junho de 1962, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Carlos Dittborn, em Arica
Público estimado: 8 829 pessoas
Gols: *Cabrera* (19), *Skoblar* (pênalti, 26) e *Galic* (29 do 1º); *Jerkovic* (3 do 2º)
Iugoslávia – *Soskic, Durkovic, Markovic e Jusufi; Radakovic e Popovic; Melic, Sekularac, Jerkovic, Galic e Skoblar.*
Técnicos: Hugo Rusavljanin e Prvoslav Mihajlovic
Uruguai – *Sosa, Troche, Emilio Alvarez e Mendez; Gonsalvez e Eliseo Alvarez; Bergara, Cabrera, Sasia, Pedro Rocha e Perez.*
Técnico: Juan Carlos Corazzo
Juiz: Karol Galba (Tchecoslováquia)
Auxiliares: Dusch (Alemanha Ocidental) e Jonni (Itália)

O sarrafo comeu solto

O fino futebol de Pedro Rocha e a vontade de Sasia foram insuficientes para os uruguaios equilibrarem o jogo. Sem sua ala direita – Cubilla e Langon estavam machucados –, o time perdeu força no ataque. Além disso, a Iugoslávia jogou um futebol pesado, com a complacência do juiz tcheco Karol Galba, que fingiu não ver o sarrafo comendo solto dos dois lados. Cabrera fez 1 x 0 aos 19 minutos, mas a Iugoslávia virou rapidinho: aos 26 minutos, num pênalti de Emilio Alvarez sobre Jerkovic, cobrado por Skoblar, e 3 minutos depois, quando Galic aproveitou um rebote de Sosa e mandou para as redes. No segundo tempo, nem bem os uruguaios tinham se posicionado em campo e Sekularac, deslocado pela esquerda, enfiou uma bola para Jerkovic pelo centro do ataque: 3 x 1. Um gol histórico, o de número 600 das Copas. Daí em diante, praticamente não houve mais jogo, só entradas violentas. No fim, o juiz resolveu ser mais enérgico e expulsou Cabrera e Popovic por troca de sopapos.

UNIÃO SOVIÉTICA 4 x 4 COLÔMBIA

Data: 3 de junho de 1962, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Carlos Dittborn, em Arica
Público: 8 040 pessoas
Gols: *Ivanov (9), Chislenko (10), Ivanov (12) e Aceros (21 do 1º); Ponedelnik (12), Coll (22), Rada (27) e Klinger (32 do 2º)*
União Soviética – *Yashin, Chokeli, Maslyenkin e Ostrovski; Voronin e Igor Netto; Chislenko, Ivanov, Ponedelnik, Kanevski e Meshki.*
Técnico: Gavril Katchalin
Colômbia – *Sanchez, Alzate, Echeverry e Jaime Gonzalez; Lopez e Serrano; Aceros, Coll, Klinger, Rada e Arias.*
Técnico: Adolfo Pedernera
Juiz: João Etzel Filho (Brasil)
Auxiliares: Robles (Chile) e Dorogy (Hungria)

Reação histórica

Um jogo para a antologia das Copas. Depois de levar 3 gols em 3 minutos no primeiro tempo, a Colômbia conseguiu reagir, mesmo com Yashin no gol soviético. No gol olímpico de Coll, Chokeli deixou a bola passar entre ele e a trave, dando início a um tremendo bate-boca entre os soviéticos, que desestabilizou o time totalmente.

Matar ou morrer

Os uruguaios ainda estavam meio assustados antes do jogo. Pouco antes da Copa, em 27 de abril de 1962, eles tomaram uma sapecada de 5 x 0 dos soviéticos, num amistoso em Moscou. No Chile, fiéis à velha tradição uruguaia de matar ou morrer, os atletas se superaram: entraram em campo 20 minutos antes da hora marcada e dominaram quase toda a partida. Mas não deu.

UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 1 URUGUAI

Data: 6 de junho de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Carlos Dittborn, em Arica
Público: 9 973 pessoas
Gols: *Mamykin* (38 do 1º); *Sasia* (10) e *Ivanov* (44 do 2º)
União Soviética – *Yashin, Chokeli, Maslyenkin e Ostrovski; Voronin e Igor Netto; Chislenko, Ivanov, Ponedelnik, Mamykin e Khusianov.*
Técnico: Gavril Katchalin
Uruguai – *Sosa, Troche, Emilio Alvarez e Mendez; Gonsalvez e Eliseo Alvarez; Luis Cubilla, Cortes, Cabrera, Sasia e Perez.*
Técnico: Juan Carlos Corazzo
Juiz: Cesare Jonni (Itália)
Auxiliares: Dusch (Alemanha Ocidental) e Dorogy (Hungria)

Ficou na vontade

O Uruguai precisava vencer para não depender do resultado do último jogo do grupo, entre Iugoslávia e Colômbia, que só seria disputado no dia seguinte. O time levou o primeiro gol num contra-ataque, empatou no início do segundo tempo e não se retraiu nem quando Emilio Alvarez saiu machucado, na metade do segundo tempo. Mas, por azar, tomou 1 gol no último minuto e ficou fora da Copa.

Súmula errada

Jerkovic marcou 3 gols no jogo, mas por um erro de súmula o terceiro da Iugoslávia foi atribuído a Galic. Só 31 anos depois, em 1993, a Fifa corrigiu o engano.

IUGOSLÁVIA 5 x 0 COLÔMBIA

Data: 7 de junho de 1962, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Carlos Dittborn, em Arica
Público: 7 167 pessoas
Gols: *Galic* (21) e *Jerkovic* (25 do 1º); *Jerkovic* (27), *Melic* (37) e *Jerkovic* (43 do 2º)
Iugoslávia – *Soskic, Durkovic, Markovic e Jusufi; Radakovic e Popovic; Melic, Sekularac, Jerkovic, Galic e Ankovic.*
Técnicos: Hugo Rusavljanin e Prvoslav Mihajlovic
Colômbia – *Sanchez, Alzate, Echeverry e Jaime Gonzalez; Lopez e Serrano; Aceros, Coll, Klinger, Rada e Hector Gonzalez.*
Técnico: Adolfo Pedernera
Juiz: Carlos Robles (Chile)
Auxiliares: Galba (Tchecoslováquia) e Jonni (Itália)

Água no chope

Depois do heróico empate com a União Soviética, os colombianos passaram quatro dias celebrando. Mas a Iugoslávia, que não foi convidada para a festa, acabou com a alegria com uma goleada por 5 x 0 que lhe garantiu a segunda vaga do grupo I. Durante toda a partida a Colômbia pareceu cansada – ou pelo esforço no jogo anterior ou pelos festejos posteriores.

Oitavas-de-final

GRUPO II **ALEMANHA OCIDENTAL, CHILE, ITÁLIA e SUÍÇA**

CHILE 3 x 1 SUÍÇA

Data: 30 de maio de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 65 006 pessoas
Gols: *Wuthrich* (7) e *Leonel Sanchez* (44 do 1º); *Ramirez* (7) e *Leonel Sanchez* (10 do 2º)
Chile – *Escuti, Eyzaguirre, Raul Sanchez e Navarro; Contreras e Rojas; Ramirez, Toro, Landa, Fouilloux e Leonel Sanchez.*
Técnico: Fernando Riera
Suíça – *Elsener, Grobety e Morf; Schneiter, Tachella e Weber; Antenen, Eschmann, Wuthrich, Pottier e Allemann.*
Técnico: Karl Rappan
Juiz: Kenneth Aston (Inglaterra)
Auxiliares: Blavier (Bélgica) e Yamazaki (Peru)

A estréia oficial

Este foi o jogo que abriu oficialmente a Copa de 1962, embora tenha sido disputado simultaneamente a outras três partidas. Às 14h30, com o estádio Nacional lotado, o presidente do Chile, Jorge Alessandri, discursou da tribuna de honra. Depois dele, fizeram uso da palavra Juan Goñi (presidente da Federação Chilena, que substituiu o falecido Carlos Dittborn na presidência do Comitê Organizador) e o presidente da Fifa, o inglês Stanley Rous. A seguir, a inevitável banda marcial tocou e fez evoluções, e os torcedores acenaram lenços brancos. A julgar pela numeração das camisas, o Chile tinha a equipe perfeitamente definida, do 1 ao 11. Pelo mesmo critério, a Suíça era o time mais desorganizado. Mas em campo as coisas foram diferentes: os suíços se fecharam no seu conhecido e odiado ferrolho defensivo e ficaram esperando os donos da casa, para sair nos contra-ataques. E, no primeiro que conseguiram, marcaram: aos 7 minutos, Wuthrich abriu o placar. Os chilenos só encontraram uma brecha na defesa adversária no último minuto do primeiro tempo, quando Leonel Sanchez empatou. Mas no segundo tempo prevaleceu o entusiasmo: em 10 minutos, o Chile marcou duas vezes e liquidou a fatura. Causou apreensão a arbitragem do inglês Ken Aston, incapaz de conter jogadas mais violentas. Acostumado a apitar no futebol britânico, em que o juiz era mais respeitado, ele foi envolvido várias vezes pelos chilenos, que adotaram uma tática interessante: rodeá-lo e reclamar em bloco, com todos falando e se movendo ao mesmo tempo.

ALEMANHA OCIDENTAL 0 x 0 ITÁLIA

Data: 31 de maio de 1962, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 65 440 pessoas
Alemanha Ocidental – *Fahrian, Nowak, Schulz e Schnellinger; Erhardt e Szymaniak; Sturm, Haller, Seeler, Schafer e Brulls.*
Técnico: Sepp Herberger
Itália – *Buffon, Losi e Robotti; Maldini, Salvadore e Radice; Rivera, Ferrini, Altafini, Sivori e Menichelli.*
Técnicos: Paolo Mazza e Giovanni Ferrari
Juiz: Robert Holley Davidson (Escócia)
Auxiliares: Morgan (Canadá) e Ventre (Argentina)

Expectativa frustrada

Jogos com este, que causam enorme expectativa pelo retrospecto das equipes, às vezes decepcionam. Foi o caso. Alemães e italianos passaram 90 minutos tocando a bola sem determinação, como se tivessem entrado em campo já convencidos de que um empate estaria de ótimo tamanho. Só a torcida chilena se manifestou, e ruidosamente, contra os italianos. Na semana anterior, num artigo profundamente infeliz, o jornalista italiano Corrado Pizzinelli havia feito críticas ao Chile, como país, e à organização da Copa. O texto foi reproduzido com destaque nos jornais de Santiago e as palavras mexeram com os brios dos locais. Tudo porque atingiam a honra nacional e também a memória de Carlos Dittborn, que – na avaliação popular – havia dado a própria vida pelo Mundial.

Fim de carreira

O inglês Ken Aston encerrou sua carreira de juiz de futebol nesta tarde, mas não por causa da desastrosa atuação: uma lesão nos tendões o impediu de continuar apitando. A Fifa achou melhor nomeá-lo, em 1964, diretor do Departamento de Árbitros. E ele voltou a fazer história em 1966, com uma calamitosa escalação de juízes para a Copa da Inglaterra.

CHILE 2 x 0 ITÁLIA

Data: 2 de junho de 1962, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 66 057 pessoas
Gols: *Ramirez* (28) e *Toro* (43 do 2º)
Chile – *Escuti, Eyzaguirre, Raul Sanchez e Navarro; Contreras e Rojas; Ramirez, Toro, Landa, Fouilloux e Leonel Sanchez.*
Técnico: Fernando Riera
Itália – *Mattrel, David e Robotti; Janich, Salvadore e Tumburus; Mora, Ferrini, Altafini, Maschio e Menichelli.*
Técnicos: Paolo Mazza e Giovanni Ferrari
Juiz: Kenneth Aston (Inglaterra)
Auxiliares: Goldstein (Israel) e Buergo (México)

Espetáculo deprimente

Um dos espetáculos mais deprimentes da história das Copas. Infelizmente, o jogo é mais lembrado pelos incidentes do que pelo futebol. Os técnicos Mazza e Ferrari, insatisfeitos com o comportamento indulgente da Itália contra a Alemanha, promoveram seis alterações para tornar a Seleção mais "lutadora". Uma palavra que, após o confronto, soou como uma grande ironia. Os italianos atiraram flores para a torcida ao entrar no gramado, para conquistar alguma simpatia. Já os chilenos preferiram tomar conta da arbitragem – o juiz era o mesmo Ken Aston que havia sido encurralado várias vezes na estréia, contra a Suíça. Com 5 minutos jogados, ele já tinha perdido o controle da partida e os italianos começaram a se enervar. Aos 8 minutos, Landa deu um chute em Mora e Ferrini tomou as dores do companheiro, devolvendo o pontapé. O árbitro, que estava perto do lance, só expulsou Ferrini. Quando os italianos perceberam que Landa continuaria em campo, Aston foi cercado e empurrado por toda a *Squadra Azzurra*. O jogo ficou paralisado por 10 minutos, até que a polícia decidiu escoltar Ferrini para o vestiário. No fim do primeiro tempo, Maschio e Leonel Sanchez disputavam uma bola junto à lateral, bem às vistas do bandeirinha Goldstein. Sanchez caiu e Maschio chutou a bola e o adversário. O chileno, filho de um boxeador, levantou-se e acertou um direto no rosto do italiano, quebrando-lhe o nariz. Incrivelmente, nem o juiz nem o bandeira tomaram qualquer atitude. Mais 10 minutos de interrupção e, ainda no primeiro tempo, David deu uma voadora em Leonel Sanchez, atingindo-o no peito e no pescoço. Corretamente, o juiz expulsou David, o que causou nova parada. Ao todo, foram 72 minutos de primeiro tempo. No segundo, com nove em campo (sendo que Maschio ainda estava atordoado após a medicação no nariz), a Itália capitulou.

Adiós, Suíça

Com duas derrotas em dois jogos, a Suíça estava eliminada da Copa. E o Chile, já classificado, jogaria contra a Alemanha para definir o campeão do grupo II. Dependendo do resultado, a Itália ainda tinha chances de seguir para as quartas-de-final.

ALEMANHA OCIDENTAL 2 x 1 SUÍÇA

Data: 3 de junho de 1962, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 64 922 pessoas
Gols: *Brulls* (45 do 1º); *Seeler* (15) e *Schneiter* (29 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Fahrian, Nowak, Schulz e Schnellinger; Erhardt e Szymaniak; Koslowski, Haller, Seeler, Schafer e Brulls.*
Técnico: Sepp Herberger
Suíça – *Elsener, Grobety e Dürr; Schneiter, Tachella e Weber; Antenen, Eschmann, Wuthrich, Pottier e Allemann.*
Técnico: Karl Rappan
Juiz: Leo Horn (Holanda)
Auxiliares: Latichev (União Soviética) e Ventre (Argentina)

Protestos na imprensa

A carnificina do jogo da véspera provocou protestos de toda a imprensa internacional. Até os jornais chilenos clamaram por mais futebol e menos violência. Mas o alemão Szymaniak não sabia ler espanhol: aos 14 minutos, numa entrada por trás, ele atingiu a perna do suíço Eschmann, que ficou o resto do primeiro tempo mancando e não voltou para o segundo. O jogo ficou pesado, mas o juiz conseguiu manter a disciplina. E, no último minuto do primeiro tempo, Brulls marcou o gol alemão. Na etapa final, Seeler chutou uma bola na trave e, logo em seguida, fez o segundo. A Suíça diminuiu, mas foi pouco.

ALEMANHA OCIDENTAL 2 x 0 CHILE

Data: 6 de junho de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 67 224 pessoas
Gols: *Szymaniak* (pênalti, 21 do 1º); *Seeler* (37 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Fahrian, Nowak, Schulz e Schnellinger; Erhardt e Szymaniak; Kraus, Giesemann, Seeler, Schafer e Brulls.*
Técnico: Sepp Herberger
Chile – *Escuti, Eyzaguirre, Raul Sanchez e Navarro; Contreras e Rojas; Ramirez, Moreno, Landa, Tobar e Leonel Sanchez.*
Técnico: Fernando Riera
Juiz: Robert Holley Davidson (Escócia)
Auxiliares: Horn (Holanda) e Aston (Inglaterra)

Tática metódica

Se perdesse, a Alemanha podia ser desclassificada pela Itália no dia seguinte. Por isso, ela partiu para o ataque e conseguiu um pênalti aos 21 minutos. Com 1 x 0 no placar, os alemães fecharam os espaços e, em vantagem nas bolas altas, obrigaram os chilenos a arriscar chutes de longe, sem sucesso. No fim, Seeler definiu o jogo: 2 x 0.

De olho na tabela

Apesar de já estar classificado, o Chile tinha interesse na vitória: o campeão do grupo II continuaria jogando em Santiago e o perdedor teria de se deslocar 2 050 quilômetros até Arica. A derrota obrigou os chilenos a cair na estrada.

ITÁLIA 3 x 0 SUÍÇA

Data: 7 de junho de 1962, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 59 828 pessoas
Gols: *Mora* (2 do 1º); *Bulgarelli* (20 e 22 do 2º)
Itália – *Buffon, Losi e Robotti; Maldini, Salvadore e Radice; Mora, Bulgarelli, Sormani, Sivori e Pascutti.*
Técnicos: Paolo Mazza e Giovanni Ferrari
Suíça – *Elsener, Grobety e Dürr; Schneiter, Tachella e Weber; Antenen, Meier, Wuthrich, Vonlanthen e Allemann.*
Técnico: Karl Rappan
Juiz: Nikolai Latichev (União Soviética)
Auxiliares: Davidson (Escócia) e Rumentschev (Bulgária)

Mexe-mexe à italiana

As duas seleções estavam eliminadas e os técnicos da Itália recolocaram a defesa do primeiro jogo e mexeram no ataque, com a entrada do brasileiro Angelo Sormani, que jogava pelo Gênova. Mas o nome do jogo foi outro estreante, Giacomo Bulgarelli, do Bologna, autor de 2 gols em 2 minutos.

Porteira aberta

Nunca numa Copa o ferrolho suíço esteve tão mal calibrado: em três jogos, a Suíça tomou 8 gols.

Oitavas-de-final

GRUPO III **BRASIL, ESPANHA, MÉXICO e TCHECOSLOVÁQUIA**

BRASIL 2 x 0 MÉXICO

Data: 30 de maio de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Sausalito, em Viña del Mar
Público: 10 484 pessoas
Gols: *Zagalo* (11) e *Pelé* (28 do 2º)
Brasil – *Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo.*
Técnico: Aymoré Moreira
México – *Carbajal, Del Muro, Sepulveda e Villegas; Cardenas e Najera; Del Aguilla, Reyes, Hector Hernandez, Jasso e Diaz.*
Técnicos: Ignacio Telles e Alejandro Scopelli
Juiz: Gottfried Dienst (Suíça)
Auxiliares: Steiner (Áustria) e Schwinte (França)

Pelé fez a diferença

O placar em branco ao fim do primeiro tempo foi comemorado pelos mexicanos, que se abraçaram antes de descer para os vestiários. Eles temiam, e o mundo esperava, uma goleada brasileira. No segundo tempo, Pelé conseguiu escapar da marcação e criou os lances dos 2 gols brasileiros. Para começar, cruzou da direita para uma cabeçada de Zagalo. Depois, partiu com a bola da intermediária, próximo à linha lateral, e deixou cinco mexicanos pelo caminho até concluir, de pé direito, no canto de Carbajal.

Futebol apático

A estréia da nossa Seleção não foi muito auspiciosa. No fim do jogo, a imprensa brasileira classificou a vitória de "tranqüila", mas a exibição, de "algo apática".

Faltou grana

Mais gente viu o último treino do Brasil no estádio Sausalito (quase 11 000 pessoas) do que a estréia contra o México (10 484). A diferença era o preço: o treino foi de graça.

TCHECOSLOVÁQUIA 1 x 0 ESPANHA

Data: 31 de maio de 1962, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Sausalito, em Viña del Mar
Público: 12 700 pessoas
Gols: *Stibranyi* (35 do 2º)
Tchecoslováquia – *Schroiff, Lala, Popluhar e Novak; Pluskal e Masopust; Stibranyi, Scherer, Adamec, Kvasnak e Jelinek.*
Técnico: Rudolf Vytlacil
Espanha – *Carmelo, Revilla, Santamaría e Reija; Segarra e Garay; Del Sol, Martinez, Puskás, Suarez e Gento.*
Técnico: Helenio Herrera
Juiz: Erich Steiner (Áustria)
Auxiliares: Marino (Uruguai) e Rosberg (Antilhas Holandesas)

Cadê a Fúria?

Se o Brasil não encantou seus admiradores, a Espanha frustrou toda a crítica esportiva. Jogando mal, perdeu para a Tchecoslováquia. Apesar dos maus resultados anteriores da Fúria com seu elenco de astros – caiu nas eliminatórias da Copa de 1958 e penou para se classificar para a de 1962 –, a imprensa teimava em apontá-la como uma das favoritas ao título, pelo talento individual de seus jogadores. Esperava-se que o técnico Helenio Herrera, do Barcelona, pudesse fazer o time jogar com mais sentido coletivo, mas isso não aconteceu. Em campo, a Espanha foi tão confusa quanto a numeração de suas camisas. No primeiro tempo, nenhuma das duas seleções criou sequer uma chance clara de gol. Na etapa final, a Espanha teve um domínio estéril (não concluiu as jogadas). Desse jeito, o gol só sairia de uma falha. E foram os espanhóis que falharam. Aos 35 minutos, Reija e Santamaría se atrapalharam com a bola e Scherer tocou para Stibranyi, que avançou e chutou na saída de Carmelo.

Lição de anatomia

Por aqui, o interesse por anatomia cresceu subitamente: todo mundo queria saber para que serve e onde fica o grande adutor, o músculo que Pelé distendeu. No dia seguinte ao jogo, o doutor Hilton Gosling atendeu a uma multidão de aflitos repórteres na concentração e deu oficialmente a má notícia: Pelé estava fora da Copa.

BRASIL 0 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 2 de junho de 1962, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Sausalito, em Viña del Mar
Público: 14 903 pessoas
Brasil – *Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo.*
Técnico: Aymoré Moreira
Tchecoslováquia – *Schroiff, Lala, Popluhar e Novak; Pluskal e Masopust; Stibranyi, Scherer, Adamec, Kvasnak e Jelinek.*
Técnico: Rudolf Vytlacil
Juiz: Pierre Schwinte (França)
Auxiliares: Dienst (Suíça) e Massaro (Chile)

Um empate conveniente

Com as mesmas formações de seus jogos de estréia, Brasil e Tchecoslováquia disputavam um jogo rigorosamente igual até que, aos 27 minutos do primeiro tempo, Pelé arriscou um chute de fora da área. A bola venceu Schroiff e beijou a trave direita. Parecia que seria o início de um período de domínio brasileiro, mas Pelé parou, colocou a mão na virilha esquerda e fez um sinal para o banco. Depois de ser atendido fora do campo por 3 minutos (*foto*), ele retornou e se plantou na ponta direita, com Garrincha na meia. No segundo tempo, o jogo ficou apertado para o Brasil nos primeiros 20 minutos. Aí, como Garrincha não conseguia fazer o papel de Pelé, Aymoré passou Zagalo para a meia, o camisa 10 foi fazer número na ponta esquerda e Garrincha retornou para a direita. Mas nada disso adiantou. Com um jogador a mais, os tchecos fecharam os espaços e começaram a sair em contra-ataques. Mas logo se convenceram de que o empate era um excelente negócio. E para o Brasil, pelas circunstâncias do jogo, também não deixava de ser. Sem Pelé, o bi, que parecia óbvio, começou a ter o contorno de um ponto de interrogação.

ALBERTO FERREIRA

ESPANHA 1 x 0 MÉXICO

Data: 3 de junho de 1962, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Sausalito, em Viña del Mar
Público: 11 875 pessoas
Gols: *Peiró* (44 do 2º)
Espanha – *Carmelo, Rodri, Santamaría e Gracia; Verges e Pachin; Del Sol, Peiró, Puskás, Suarez e Gento.*
Técnico: Helenio Herrera
México – *Carbajal, Del Muro, Sepulveda e Jauregui; Cardenas e Najera; Del Aguilla, Reyes, Hector Hernandez, Jasso e Diaz.*
Técnicos: Ignacio Telles e Alejandro Scopelli
Juiz: Branko Tesanic (Iugoslávia)
Auxiliares: Vicuña (Chile) e Rosberg (Antilhas Holandesas)

Chances e mais chances

Espanha e México precisavam da vitória para continuar sonhando com a classificação. O jogo, ao contrário do que o placar indica, poderia ter terminado 6 x 5 para qualquer um dos lados. Só nos primeiros 10 minutos o México teve três claras chances de gol. Depois, a Espanha equilibrou, partiu para a ofensiva e Carbajal se transformou no melhor em campo, evitando 4 gols certos. E tudo isso no primeiro tempo. No segundo, o ritmo continuou igual, com os dois times buscando o gol. E, quando o 0 x 0 parecia definitivo, Gento disparou pela esquerda e cruzou para a área. O zagueiro Jauregui deixou a bola escapar e Peiró, livre, acertou um chute violento: 1 x 0.

Fazendo contas

Em seu melhor jogo em Copas desde 1930, o México teve contra si o azar e uma terrível falta de pontaria. Assim, quem ficou em situação confortável foi a Tchecoslováquia, que tinha 3 pontos ganhos e pegaria os eliminados mexicanos na última rodada. Na outra partida, Espanha (2 pontos) e Brasil (3) iam para o tudo ou nada, com a vantagem do empate para a nossa Seleção.

BRASIL 2 x 1 ESPANHA

Data: 6 de junho de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Sausalito, em Viña del Mar
Público: 18 715 pessoas
Gols: *Adelardo* (35 do 1º); *Amarildo* (27 e 41 do 2º)
Brasil – *Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo.*
Técnico: Aymoré Moreira
Espanha – *Araquistain, Rodri, Echeberria e Gracia; Verges e Pachin; Collar, Peiró, Puskás, Adelardo e Gento.*
Técnico: Helenio Herrera
Juiz: Sergio Bustamante (Chile)
Auxiliares: Marino (Uruguai) e Sundheim (Colômbia)

Sufoco até o fim

No primeiro tempo, com o Brasil ainda sentindo a falta de Pelé, a Espanha controlou o jogo e conseguiu seu gol num chute de longa distância. Até então, Zagalo vinha jogando recuado, quase na linha do meio de campo. Garrincha estava inoperante na direita e as bolas simplesmente não chegavam até Vavá e Amarildo (21 anos, jogador do Botafogo, escalado no lugar de Pelé). Quando a Seleção desceu para os vestiários, os torcedores brasileiros, que ouviam a narração pelo rádio, estavam apreensivos. No segundo tempo, foi tudo ou nada. Zagalo avançou mais e Didi também, deixando Zito sozinho para cuidar da marcação na intermediária. A Espanha, sentindo a pressão, recuou. E, depois de vários ataques, o gol de empate saiu. Aos 27 minutos, Zagalo recebeu lançamento de Zito, correu

pela esquerda e cruzou da linha de fundo. Amarildo chegou um instante antes dos zagueiros e tocou para o fundo da rede. Como o empate eliminava a Espanha, ela se mandou para o ataque, abrindo espaços. Até que, aos 41 minutos, Garrincha fez pela primeira vez na Copa sua jogada característica: levou a marcação de três espanhóis pela direita, foi à linha de fundo e cruzou na cabeça de Amarildo, que desempatou. O Brasil estava classificado e a Espanha, eliminada.

Ex-fantasmas

Para frustração de Didi, Di Stéfano (que o boicotara, no Real e), não jogou. Mas Puskás sim. Alguns anos antes, sua mera presença em campo teria provocado calafrios nos brasileiros. Mas os tempos eram outros. Na véspera do jogo, o húngaro naturalizado declarou que, se a Espanha perdesse, tiraria a camisa dentro do campo e nunca mais atuaria pela Seleção. Não cumpriu a promessa.

O juiz é nosso

Os espanhóis ficaram de cabelo em pé com o trio de arbitragem, formado por três sul-americanos. E o Brasil, acostumado a reclamar em Copas anteriores, saiu de campo feliz. O juiz chileno errou ao não marcar um pênalti de Nilton Santos em Collar quando a Espanha vencia por 1 x 0. E ainda anulou o gol de bicicleta de Peiró (jogo perigoso) na seqüência do lance (uma interpretação errada que já havia prejudicado o Brasil em 1958).

Goal average
Foi o tal *goal average* que deu o terceiro lugar do grupo III ao México e deixou a Espanha em último, embora as duas posições pouco significassem. México e Espanha terminaram com 2 pontos ganhos e o mesmo saldo de gols (1 negativo). Mas o México marcou 3 e sofreu 4 (*goal average* de 0,75). E a Espanha marcou 2 e levou 3 (*goal average* de 0,66).

MÉXICO 3 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA
Data: 7 de junho de 1962, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Sausalito, em Viña del Mar
Público: 10 648 pessoas
Gols: *Masek* (20 segundos), *Diaz* (13) e *Del Aguilla* (29 do 1º); *Hector Hernandez* (pênalti, 45 do 2º)
México – *Carbajal, Del Muro, Sepulveda e Jauregui; Cardenas e Najera; Del Aguilla, Reyes, Hector Hernandez, Alfredo Hernandez e Diaz.*
Técnicos: Ignacio Telles e Alejandro Scopelli
Tchecoslováquia – *Schroiff, Lala, Popluhar e Novak; Pluskal e Masopust; Stibranyi, Scherer, Adamec, Kvasnak e Masek.*
Técnico: Rudolf Vytlacil
Juiz: Gottfried Dienst (Suíça)
Auxiliares: Tesanic (Iugoslávia) e Sundheim (Colômbia)

Viva México!
Com a derrota da Espanha para o Brasil, este jogo perdeu a importância. Os tchecos já estavam classificados e os mexicanos, eliminados. Mesmo assim, foi uma partida histórica. Era o 14º jogo do México em fases finais de Copas do Mundo desde 1930. Nos 13 anteriores, o retrospecto era um empate e 12 derrotas. E, contra a Tchecoslováquia, após 32 anos de tentativas, finalmente veio a primeira vitória. Ela foi também um presente de aniversário para o goleiro Carbajal, que completava 33 anos e disputava seu quarto Mundial. Mas, antes de celebrar, o México começou achando que aquele seria um dia igual a tantos outros: mal foi dada a saída, Masek recebeu um lançamento longo de Masopust, correu mais que Del Muro e fez o gol tcheco, aos 20 segundos. Este foi o gol mais rápido da história das Copas até 2002, quando o turco Sükür marcou contra a Coréia do Sul aos 11 segundos. Com muita vontade e garra, o México virou ainda no primeiro tempo e recuou para segurar o resultado na etapa final – quando Carbajal se transformou no melhor em campo. No último minuto, o México conseguiu um pênalti: 3 x 1. Na Cidade do México, os festejos foram até a madrugada – na maior comemoração de que se tem notícia para um time eliminado nas oitavas. Já os fanáticos por teorias conspiratórias surgiram com outra história. Como esse era o último jogo do grupo, os já classificados tchecos podiam escolher o próximo adversário: Hungria ou Inglaterra. Os tchecos teriam "preferido" os húngaros. Mas, para isso, precisavam perder. Se a teoria fosse verdadeira, os tchecos estavam muito mal informados, pois a Hungria era bem mais forte.

Oitavas-de-final

GRUPO IV **ARGENTINA, BULGÁRIA, HUNGRIA e INGLATERRA**

ARGENTINA 1 x 0 BULGÁRIA
Data: 30 de maio de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Braden Copper, em Rancagua
Público: 7 134 pessoas
Gols: *Facundo* (4 do 1º)
Argentina – *Roma, Navarro e Marzolini; Sainz, Sacchi e Paez; Facundo, Rossi, Pagani, Sanfilippo e Belén.*
Técnico: Juan Carlos Lorenzo
Bulgária – *Naydenov, Rakarov, Ivan Dimitrov e Kitov; Dimitar Kostov e Kovatchev; Diev, Velitchkov, Iliev, Kolev e Yakimov.*
Técnico: Giorgy Pantchedjiev
Juiz: Juan Gardeazabal (Espanha)
Auxiliares: Morgan (Canadá) e Buergo (México)

Faltou inspiração
A Argentina tinha vários jogadores que, mais tarde, se tornaram grandes nomes: o zagueiro Ramos Delgado, o meio-campista Rattin e o ponta-esquerda Ruben Sosa. A imprensa os queria no time, mas nenhum foi escalado. E a Seleção penou para vencer a Bulgária, um time médio e sem pretensões. Depois de conseguir seu gol logo de cara, a Argentina recuou e se pôs a praticar seu jogo de toques curtos de primeira – *o toco y me voy* –, mas sem nenhuma inspiração ofensiva. No segundo tempo, as coisas pioraram, pois a violência entrou em campo. Nossos vizinhos começavam a Copa com um bom resultado, mas com um mau futebol.

HUNGRIA 2 x 1 INGLATERRA

Data: 31 de maio de 1962, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Braden Copper, em Rancagua
Público: 7 938 pessoas
Gols: *Tichy* (17 do 1º); *Flowers* (pênalti, 15) e *Albert* (26 do 2º)
Hungria – *Grosics, Matrai, Meszoly e Sárosi; Solymosi e Sipos; Sandor, Rakosi, Albert, Tichy e Fenyvesi.*
Técnico: Lajos Baroti
Inglaterra – *Springett, Armfield e Wilson; Bobby Moore, Norman e Flowers; Douglas, Greaves, Hitchens, Haynes e Bobby Charlton.*
Técnico: Walter Winterbottom
Juiz: Leo Horn (Holanda)
Auxiliares: Blavier (Bélgica) e Goldstein (Israel)

Fiasco na lama

A Seleção Inglesa de 1962 não era ruim. Mas era bem inferior ao que seus jornalistas acreditavam. Para piorar, o campo lamacento de Rancagua impediu o toque de bola e favoreceu o jogo pesado da Hungria. Tichy, famoso por seus chutes fortes de fora da área, acertou um deles aos 17 minutos. Na etapa final, um toque infantil de Sipos permitiu o empate. Mas Florian Albert, o melhor em campo, selou a vitória húngara.

INGLATERRA 3 x 1 ARGENTINA

Data: 2 de junho de 1962, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Braden Copper, em Rancagua
Público: 9 794 pessoas
Gols: *Flowers* (pênalti, 18) e *Bobby Charlton* (42 do 1º); *Greaves* (22) e *Sanfilippo* (36 do 2º)
Inglaterra – *Springett, Armfield e Wilson; Bobby Moore, Norman e Flowers; Douglas, Greaves, Peacock, Haynes e Bobby Charlton.*
Técnico: Walter Winterbottom
Argentina – *Roma, Navarro e Marzolini; Cap, Sacchi e Paez; Oleniak, Rattin, Sosa, Sanfilippo e Belén.*
Técnico: Juan Carlos Lorenzo
Juiz: Nikolai Latichev (União Soviética)
Auxiliares: Morgan (Canadá) e Reginato (Chile)

Os ingleses agradecem

O técnico argentino se rendeu e escalou Rattin e Sosa. Deu tudo errado. Confusa em campo, a Argentina reabilitou a Inglaterra, que foi para o intervalo com uma vantagem de 2 x 0 e ainda fez mais um na metade do segundo tempo. Sanfilippo marcou o gol de honra quando já estava tudo perdido para os *hermanos*.

Linha burra

Os argentinos apresentaram uma novidade na Copa: os zagueiros jogavam em linha e se adiantavam, sincronizadamente, para deixar os atacantes adversários impedidos (estratégia que seria consagrada pela Holanda, em 1974). Mas, se a idéia era boa, o ensaio não deve ter sido, porque várias vezes os ingleses surgiram livres diante do goleiro Roma nesta partida.

HUNGRIA 6 x 1 BULGÁRIA

Data: 3 de junho de 1962, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Braden Copper, em Rancagua
Público: 7 442 pessoas
Gols: *Albert* (45 segundos e 6), *Tichy* (8) e *Solymosi* (12 do 1º); *Albert* (9), *Asparukhov* (19) e *Tichy* (25 do 2º)
Hungria – *Ilku, Matrai, Meszoly e Sárosi; Solymosi e Sipos; Sandor, Gorocs, Albert, Tichy e Fenyvesi.*
Técnico: Lajos Baroti
Bulgária – *Naydenov, Rakarov, Ivan Dimitrov e Kitov; Dimitar Kostov e Kovatchev; Solokov, Velitchkov, Asparukhov, Kolev e Demendjiev.*
Técnico: Giorgy Pantchedjiev
Juiz: Juan Gardeazabal (Espanha)
Auxiliares: Silva (Chile) e Davidson (Escócia)

Derrota com classe

Numa soberba exibição de Florian Albert, do Ferencvaros, a Hungria massacrou a Bulgária, na maior goleada da Copa. Aos 12 minutos do primeiro tempo, o placar já marcava 4 x 0. Os húngaros só não fizeram mais porque se desinteressaram. Mesmo assim, o jogo foi um dos mais bonitos do Mundial porque os búlgaros perderam sem apelar para a violência (afinal, os dois países eram comunistas).

Craque búlgaro

Na Bulgária, estreou o jovem Asparukhov, do Levski de Sófia, que viria a se tornar o maior atacante da história do país até o aparecimento de Hristo Stoitchkov, na década de 1980. O atual estádio do Levski se chama Georgy Asparukhov.

Time 100%

Com duas vitórias em dois jogos, a Hungria praticamente garantiu antecipadamente sua classificação para as quartas. Argentina e Inglaterra foram para a última rodada decidir quem ficaria com a segunda vaga do grupo.

Situação difícil
Com 3 pontos em três jogos, a Argentina ficou dependendo do resultado do dia seguinte entre Inglaterra (2 pontos) e Bulgária (desclassificada, sem nenhum ponto). Se os ingleses empatassem ou ganhassem, adeus Argentina.

HUNGRIA 0 X 0 ARGENTINA

Data: 6 de junho de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Braden Copper, em Rancagua
Público: 7 945 pessoas
Hungria – *Grosics, Matrai, Meszoly e Sárosi; Solymosi e Sipos; Kucharszki, Gorocs, Monostori, Tichy e Fenyvesi.*
Técnico: Lajos Baroti
Argentina – *Dominguez, Ramos Delgado e Marzolini; Cap, Sacchi e Sainz; Facundo, Pando, Pagani, Oleniak e Gonzalez.*
Técnico: Juan Carlos Lorenzo
Juiz: Arturo Yamazaki (Peru)
Auxiliares: Gardeazabal (Espanha) e Bulnes (Chile)

Nem 1 golzinho

Depois de passar três dias sendo malhado pela imprensa argentina, e precisando da vitória, o técnico Lorenzo entrou em pânico e fez sete alterações na equipe. Trocou o ataque inteirinho, mudou o goleiro e fez entrar o zagueiro Ramos Delgado. A Hungria, já classificada, entrou sem Albert e sem muita vontade. Para complicar, aos 18 minutos do segundo tempo o meia Gorocs teve uma distensão e ficou o resto do jogo encostado na ponta esquerda. Mas nem assim a Argentina conseguiu 1 miserável golzinho, que poderia lhe dar a classificação. Os ataques argentinos pararam todos nas mãos do goleiro Grosics – último remanescente do genial esquadrão húngaro de 1954.

INGLATERRA 0 x 0 BULGÁRIA

Data: 7 de junho de 1962, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Braden Copper, em Rancagua
Público: 5 700 pessoas
Inglaterra – *Springett, Armfield e Wilson; Bobby Moore, Norman e Flowers; Douglas, Greaves, Peacock, Haynes e Bobby Charlton.*
Técnico: Walter Winterbottom
Bulgária – *Naydenov, Dimov, Ivan Dimitrov e Jetschev; Dimitar Kostov e Kovatchev; Alexsandar Kostov, Velitchkov, Asparukhov, Kolev e Demendjiev.*
Técnico: Giorgy Pantchedjiev
Juiz: Arthur Blavier (Bélgica)
Auxiliares: Reginato (Chile) e Bulnes (Chile)

Total desinteresse

A Inglaterra entrou em campo sabendo que um simples empate sem gols a classificaria (tinha *goal average* de 1,3 e a Argentina, de 0,7). Metodicamente, os ingleses se preocuparam mais com a defesa, enquanto a Bulgária só queria evitar um novo vexame. Aos poucos, a torcida foi se desinteressando e os únicos incentivos que se ouviam no estádio vinham da delegação argentina, que foi em peso torcer pelos búlgaros. Mas a Inglaterra se classificou.

Quartas-de-final

Nenhuma das oito equipes classificadas havia conseguido empolgar a imprensa internacional. Nos dias que antecederam as quartas-de-final, o Brasil continuava a ser o favorito, mas sem nenhum entusiasmo. Num torneio equilibrado e com poucas estrelas – a maior delas, Pelé, estava fora –, os prognósticos indicavam que os jogos seriam apertados e que a Copa seria decidida por eventuais lampejos de genialidade de algum jogador. Felizmente para o Brasil, esse jogador foi Garrincha.

UNIÃO SOVIÉTICA 1 x 2 CHILE

(1º do grupo I x 2º do grupo II)
Data: 10 de junho de 1962, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Carlos Dittborn, em Arica
Público: 17 268 pessoas
Gols: *Leonel Sanchez* (11), *Chislenko* (27) e *Rojas* (28 do 1º)
União Soviética – *Yashin, Chokeli, Maslyenkin e Ostrovski; Voronin e Igor Netto; Chislenko, Ivanov, Ponedelnik, Mamykin e Meshki.*
Técnico: Gavril Katchalin
Chile – *Escuti, Eyzaguirre, Raul Sanchez e Navarro; Contreras e Rojas; Ramirez, Toro, Landa, Tobar e Leonel Sanchez.*
Técnico: Fernando Riera
Juiz: Leo Horn (Holanda)
Auxiliares: Etzel (Brasil) e Galba (Tchecoslováquia)

Todos ao estádio

Como campeã do grupo I, a União Soviética garantiu o direito de continuar em sua cidade-sede, Arica. O Chile, vice do grupo II, que jogara três partidas em Santiago, teve de se deslocar mais de 2 000 quilômetros para jogar num estádio pequeno, cuja capacidade era de 13 000 pessoas. Todos os ingressos se esgotaram assim que foram colocados à venda, mas a vontade dos chilenos de torcer por sua Seleção prevaleceu sobre o bom senso e muita gente invadiu o estádio.

...E Yashin falhou

O Chile parou para ver a partida pela TV, antevendo que o maior obstáculo para a vitória seria o goleiro soviético, Lev Yashin. Mas aquele não era o dia de Yashin. Num jogo parelho, que contrapôs o entusiasmo chileno ao equilíbrio emocional soviético, ele falhou em dois lances, ambos no primeiro tempo, que decidiram tudo. Aos 11 minutos, Leonel Sanchez cobrou uma falta da lateral da área. Yashin não foi na bola e ela entrou no ângulo esquerdo. O grande arqueiro disse depois que, como a falta que originara o lance tinha sido uma obstrução, ele esperava a cobrança em dois toques. Os soviéticos empataram com Chislenko, aos 27 minutos. Mas no minuto seguinte Rojas chutou rasteiro, de fora de área, e Yashin chegou atrasado: Chile 2 x 1. No segundo tempo, a União Soviética pressionou e chegou a colocar uma bola na trave de Escuti, aos 19 minutos. Mas o Chile soube se defender – muitas vezes, com chutões para as gerais – e garantir a classificação para as semifinais.

ALEMANHA OCIDENTAL 0 x 1 IUGOSLÁVIA

(1º do grupo II x 2º do grupo I)
Data: 10 de junho de 1962, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 63 324 pessoas
Gol: *Radakovic* (41 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Fahrian, Nowak, Schulz e Schnellinger; Erhardt e Szymaniak; Giesemann, Haller, Seeler, Schafer e Brulls.*
Técnico: Sepp Herberger
Iugoslávia – *Soskic, Durkovic, Markovic e Jusufi; Radakovic e Popovic; Kovacevic, Sekularac, Jerkovic, Galic e Skoblar.*
Técnicos: Hugo Rusavljanin e Prvoslav Mihajlovic
Juiz: Arturo Yamazaki (Peru)
Auxiliares: Silva (Chile) e Ventre (Argentina)

O fim de uma escrita

Se os iugoslavos acreditassem em destino, nem teriam entrado em campo: a Alemanha havia eliminado a Iugoslávia duas vezes nas quartas-de-final. Em 1954, por 2 x 0. E em 1958, por 1 x 0. Em ambos os jogos, a técnica mais refinada dos iugoslavos havia sucumbido diante do método dos alemães. Para piorar, em 1962 a Alemanha estava invicta, enquanto a Iugoslávia havia sofrido uma derrota, para a União Soviética. E a história só não se repetiu por falta de pontaria dos germânicos. Aos 2 minutos, Seeler carimbou o travessão. Aos 15 minutos, Haller teve o gol à disposição, mas chutou a bola na cabeça do goleiro Soskic. Até o fim da partida, as bolas da Alemanha passaram sempre perto. E, quando parecia que nada mais aconteceria, Radakovic acertou uma violenta cabeçada e fez o gol da vitória. Foi-se a escrita, e foi-se a Alemanha para casa.

O mistério do passarinho

Hoje, quando se conta a história do Mundial de 1962, fica a impressão de que Garrincha brilhou do primeiro ao último minuto. Mas não foi bem assim. Nos três jogos das oitavas, seu desempenho foi sofrível. Contra o México, encontrou dificuldades para superar o lateral Villegas e foi criticado pelo excesso de individualismo. Contra a Tchecoslováquia, não teve bom desempenho ao substituir Pelé pelo meio, tanto que Zagalo assumiu a função. E contra a Espanha, só ganhou elogios a partir da metade do segundo tempo. A jogada do segundo gol brasileiro foi o único momento brilhante em 270 minutos. O que se passou na cabeça de Garrincha entre 6 e 10 de junho é um mistério. Mas nos dois jogos seguintes do Brasil o homem-passarinho fez dois preciosos vôos solo que deixaram o mundo de queixo caído.

Vem cá, Totó

Um lance muito lembrado do jogo foi a invasão de campo por um cachorrinho preto *(foto)*, que ciscou pela intermediária, driblou Garrincha e só foi capturado pelo avante inglês Jimmy Greaves, que se pôs de quatro em frente ao bichinho, produzindo a cena mais divertida da Copa.

BRASIL 3 x 1 INGLATERRA
(1º do grupo III x 2º do grupo IV)

Data: 10 de junho de 1962, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Sausalito, em Viña del Mar
Público: 17 736 pessoas
Gol: *Garrincha* (31) e *Hitchens* (36 do 1º); *Vavá* (8) e *Garrincha* (14 do 2º)
Brasil – *Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo.*
Técnico: Aymoré Moreira
Inglaterra – *Springett, Armfield e Wilson; Bobby Moore, Norman e Flowers; Douglas, Greaves, Hitchens, Haynes e Bobby Charlton.*
Técnico: Walter Winterbottom
Juiz: Pierre Schwinte (França)
Auxiliares: Dienst (Suíça) e Bustamante (Chile)

A estrela do jogo: o cãozinho preto driblou Garrincha e só foi capturado por Greaves

Show de Garrincha

Brasil e Inglaterra passaram meia hora se estudando, protegendo bem suas defesas e se arriscando pouco no ataque. Zagalo jogava quase colado a Nilton Santos, Didi descia só nas bolas boas e Vavá e Amarildo não se entendiam muito bem no ataque. E a torcida começou a desconfiar que veria um jogo arrastado – como em 1958, quando o placar ficou no 0 x 0. Mas aí Garrincha resolveu chamar para si a responsabilidade. Jogando de meia, de ponta e de centroavante, ele criou os 3 gols. No primeiro, aos 31 minutos do primeiro tempo, saltou num escanteio com Norman – 12 centímetros mais alto – e acertou uma cabeçada perfeita no canto de Springett. No segundo, aos 8 minutos do segundo tempo, o juiz Schwinte marcou uma falta na meia direita, a cinco passos da grande área. Até o presidente Jango, que não entendia muito de futebol, sabia que o lugar era perfeito para Didi. Ele tomou posição, mas Garrincha correu antes, chutou, Springett rebateu e Vavá, de cabeça, mandou para as redes. No terceiro, aos 14 minutos do segundo tempo, o ponta recebeu a bola na intermediária inglesa, caminhou alguns passos e viu o goleiro adiantado. Golaço, por cobertura. Depois do jogo, nem os mais ardorosos torcedores do Botafogo se lembravam da última vez que Garrincha havia marcado de cabeça. E não tinham nem idéia de que ele sabia bater faltas ou desferir chutes da intermediária. Até então, Garrincha era aquele ponta que dava sempre o mesmo drible, para a direita, e servia a bola de bandeja aos atacantes. Ah, a Inglaterra também fez 1 gol, quando Greaves cabeceou na trave de Gilmar e Hitchens aproveitou o rebote.

HUNGRIA 0 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA

(1º do grupo IV x 2º do grupo III)

Data: 10 de junho de 1962, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Braden Copper, em Rancagua
Público: 11 690 pessoas
Gol: *Scherer* (14 do 1º)
Hungria – *Grosics, Matrai, Meszoly e Sárosi; Solymosi e Sipos; Sandor, Rakosi, Albert, Tichy e Fenyvesi.*
Técnico: Lajos Baroti
Tchecoslováquia – *Schroiff, Lala, Popluhar e Novak; Pluskal e Masopust; Pospichal, Scherer, Kadraba, Kvasnak e Jelinek.*
Técnico: Rudolf Vytlacil
Juiz: Nikolai Latichev (União Soviética)
Auxiliares: Rumentschev (Bulgária) e Buergo (México)

Culpa do juiz?

Pelo lado da Hungria, Tichy chutou uma bola que bateu no travessão e deu a impressão de ter caído dentro do gol, só que o lance foi rápido e o juiz não viu – mas marcou um impedimento do mesmo Tichy no segundo tempo e anulou 1 gol aparentemente válido.

Jogou mais e perdeu

Com estilos semelhantes – toques rápidos e deslocamentos constantes – húngaros e tchecos passaram o jogo todo se anulando, como se um já soubesse o que o outro estava pensando em fazer. Mas a Hungria foi um pouco melhor, graças ao futebol lúcido de Florian Albert. E criou boas chances, tanto que o goleiro tcheco Schroiff saiu carregado pela torcida no fim. Mas quem marcou foi a Tchecoslováquia.

Semifinais

E não é que os entendidos estavam certos? Os oito times se equivaliam tanto que, dos quatro vencedores dos grupos das oitavas, só o Brasil passou para as semifinais. A União Soviética perdeu para o Chile, a Alemanha para a Iugoslávia e a Hungria para a Tchecoslováquia. Para desencanto dos chilenos, a tabela colocou o Brasil no caminho. "A final que todos gostariam de ver", apelidou um jornal de Santiago. Tchecos e iugoslavos decidiriam o outro finalista. Mas, após a vitória contra a Inglaterra, a cotação do Brasil nas casas de apostas londrinas já havia novamente disparado. O bicampeonato só não viria se houvesse a influência de algum fator, digamos, extraordinário. Como, por exemplo, um juiz "caseiro".

TCHECOSLOVÁQUIA 3 x 1 IUGOSLÁVIA

Data: 13 de junho de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Sausalito, em Viña del Mar
Público: 5 890 pessoas
Gols: *Kadraba* (3), *Jerkovic* (24), *Scherer* (35 e pênalti, 39 do 2º)
Tchecoslováquia – *Schroiff, Lala, Popluhar e Novak; Pluskal e Masopust; Pospichal, Scherer, Kadraba, Kvasnak e Jelinek.*
Técnico: Rudolf Vytlacil
Iugoslávia – *Soskic, Durkovic, Markovic e Jusufi; Radakovic e Popovic; Sijakovic, Sekularac, Jerkovic, Galic e Skoblar.*
Técnicos: Hugo Rusavljanin e Prvoslav Mihajlovic
Juiz: Gottfried Dienst (Suíça)
Auxiliares: Jonni (Itália) e Steiner (Áustria)

O menor público

Foi o menor público da Copa, porque no mesmo horário a TV transmitia Brasil x Chile, ao vivo. Mas quem foi saiu com duas lembranças. A primeira foi a irretocável exibição do goleiro tcheco Schroiff, responsável direto pela vitória. E a segunda foi uma atitude incomum do juiz suíço Dienst: aos 10 minutos do primeiro tempo, ao perceber que a partida estava descambando para a violência, ele chamou os 22 jogadores e deu uma advertência formal e geral: a próxima falta mais pesada resultaria em expulsão. No primeiro tempo, não foi criada nenhuma chance, clara ou remota, de gol. A contagem só foi aberta no segundo tempo e logo aos 3 minutos. Os iugoslavos correram uma barbaridade nos 20 minutos seguintes, até conseguirem o empate. Mas o esforço minou seu fôlego. E, a 10 minutos do fim, Scherer correu mais que os zagueiros e desempatou. Aos 39 minutos, um inconseqüente tapa na bola de Markovic resultou num pênalti: 3 x 1.

Casa cheia

Foi o jogo com a maior renda da Copa (309 132 dólares). Num estádio com capacidade para 65 000 pessoas, quase 9 000 a mais conseguiram, de alguma forma, se acomodar. E passaram horas – ao meio-dia, a lotação estava esgotada – sonhando com uma vitória do Chile.

BRASIL 4 x 2 CHILE

Data: 13 de junho de 1962, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 73 856 pessoas
Gols: *Garrincha* (9 e 32) e *Toro* (42 do 1º); *Vavá* (2), *Leonel Sanchez* (pênalti, 17) e *Vavá* (33 do 2º)
Brasil – *Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo.*
Técnico: Aymoré Moreira
Chile– *Escuti, Eyzaguirre, Raul Sanchez e Rodriguez; Contreras e Rojas; Ramirez, Toro, Landa, Tobar e Leonel Sanchez.*
Técnico: Fernando Riera
Juiz: Arturo Yamazaki (Peru)
Auxiliares: Ventre (Argentina) e Marino (Uruguai)

ALBERTO FERREIRA

Garrincha, expulso, deixa o campo ao lado do técnico Aymoré: dava para ganhar o título sem ele?

A um passo do título

O juiz peruano Arturo Yamazaki bem que tentou colaborar com os donos da casa, anulando 1 gol de Vavá (impedimento) aos 21 minutos do primeiro tempo, marcando um pênalti controvertido para o Chile no segundo tempo e tomando outras decisões discutíveis. Mas isso já era esperado e o Brasil conseguir manter a compostura, embora o jogo não tenha sido tão fácil quanto os 4 x 2 possam indicar. O Chile entrou em campo com uma novidade. O técnico Fernando Riera reforçou a defesa, trocando Sergio Navarro, bom apoiador, por Manuel Rodriguez, mais eficiente no combate. Garrincha, entretanto, nem deve ter notado a troca. Aos 9 minutos, um centro de Zagalo rebateu em Amarildo e em Vavá e sobrou para Garrincha, deslocado pela meia direita. Na corrida, ele desferiu um balaço de pé esquerdo (seu pé "errado") no ângulo de Escuti: 1 x 0. Aos 32 minutos, num escanteio batido da esquerda por Zagalo, Garrincha subiu no meio da defesa adversária e, de cabeça, fez 2 x 0. Aos 42 minutos, o Chile diminuiu, numa belíssima cobrança de falta de Toro, que entrou no ângulo direito de Gilmar. No segundo tempo, logo aos 2 minutos, Escuti colaborou. Garrincha cobrou um escanteio da direita e Vavá cabeceou. O goleiro chileno, sem muita convicção, deu um tapa na bola, mandando-a para dentro da meta. Aí, o árbitro marcou o tal pênalti – uma bola que tocou na mão de Zózimo. Leonel Sanchez diminuiu para 3 x 2. Finalmente, aos 32 minutos, novamente »

»Vavá, meio de testa e meio de nariz, aproveitou um cruzamento de Zagalo e fez 4 x 2. Quando tudo caminhava para um final tranqüilo, Landa fez uma falta feia em Zito, aos 35 minutos. E ainda ofendeu o juiz, que o expulsou. Aos 38 minutos, Garrincha, segundo suas próprias palavras, deu "um pontapezinho de amizade" no lateral Eladio Rojas, que estava caído. Pressionado, o juiz foi consultar o bandeirinha uruguaio Esteban Marino, que confirmou a agressão. E Garrincha foi expulso. Na pista lateral do campo, o craque ainda levou uma pedrada, vinda das arquibancadas, e passou a noite com a cabeça enfaixada. O Brasil estava na final, a um passo do bicampeonato, mas começava a viver uma grande agonia: Garrincha seria suspenso pela Fifa?

Um sumiço providencial

O atacante chileno Honorino Landa, expulso no jogo contra o Brasil, foi suspenso pelo tribunal da Fifa e não jogou contra a Iugoslávia. Na mesma sessão, foi analisado o caso de Garrincha. O relatório do juiz peruano Arturo Yamazaki era curto e grosso: ele não tinha visto o pontapé de Garrincha em Rojas. Alertado pelos jogadores do Chile, consultara o bandeirinha uruguaio Esteban Marino, e este, *sí señor*, confirmara o fato. Marino, então, foi convocado a depor – já que bandeirinhas não escreviam relatórios –, mas ninguém o encontrou. Ele tinha saído do Chile, provavelmente com destino a Montevidéu, mas seu paradeiro era incerto. Assim, por falta de provas, Garrincha foi apenas advertido e liberado para jogar. Tempos depois, surgiram comentários de que a súbita viagem havia sido patrocinada pela CBD. Entre outras coisas, porque um mês depois da Copa o juiz foi contratado pela Federação Paulista de Futebol – cujo presidente, João Mendonça Falcão, estava no Chile como convidado de honra da CBD. Quanto a Garrincha, sua cotação internacional subiu tanto depois dos jogos contra Inglaterra e Chile que seu reserva na Seleção, Jair da Costa, de 21 anos, da Portuguesa de Desportos, foi contratado pela Inter de Milão, apenas e tão-somente por ser "o substituto de Garrincha".

Disputa do 3º lugar

CHILE 1 x 0 IUGOSLÁVIA

Data: 16 de junho de 1962, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 70 012 pessoas
Gols: *Rojas* (45 do 2º)
Chile – *Godoy, Eyzaguirre, Raul Sanchez e Rodriguez; Cruz e Rojas; Ramirez, Toro, Campos, Tobar e Leonel Sanchez.*
Técnico: Fernando Riera
Iugoslávia – *Soskic, Durkovic, Markovic e Svinjarevic; Radakovic e Popovic; Kovacevic, Sekularac, Jerkovic, Galic e Skoblar.*
Técnicos: Hugo Rusavljanin e Prvoslav Mihajlovic
Juiz: Juan Gardeazabal (Espanha)
Auxiliares: Dusch (Alemanha Ocidental) e Dorogy (Hungria)

Carnaval em Santiago

No maior dia da história do futebol chileno, a conquista do terceiro lugar veio com 1 gol de loteria: aos 45 minutos do segundo tempo, Rojas arriscou um chute de longe, a bola desviou na zaga e entrou no canto direito de Soskic. E o Chile celebrou como se tivesse sido campeão do mundo: a festa popular em Santiago só foi terminar quase ao meio-dia do domingo. É bem verdade que, com o time que tinha, o Chile dificilmente passaria das oitavas-de-final se a Copa tivesse sido disputada em outro país. Mas a vantagem de jogar em casa, com o apoio da torcida e a benevolência de alguns juízes, é exatamente um dos motivos que fazem um país querer sediar uma Copa (o outro, claro, é o financeiro).

DE OLHO NA TAÇA

De São João para o mundo

Às 17h25 de 17 de junho de 1962, o capitão Mauro, repetindo o gesto de Bellini em 1958, ergueu a taça do mundo que lhe fora entregue por Stanley Rous no meio do campo. E a cidade de São João da Boa Vista, no interior de São Paulo, celebrou: no início da carreira, tanto Mauro como Bellini jogaram na desconhecida Associação Desportiva Sanjoanense, que nunca passou da terceira divisão paulista. De lá, Mauro foi para o São Paulo e Bellini, para o Vasco. Hoje, a Sanjoanense nem tem mais um setor de futebol, dedicando-se apenas ao basquete. Mas conserva a glória de ser o único time do Brasil a ter revelado dois capitães campeões do mundo.

Equilíbrio

Na história das Copas, o Brasil foi o campeão que utilizou menos jogadores num Mundial: 12 (no Chile, só Amarildo entrou no lugar de Pelé). E assim, numa Copa sem grandes equipes, ganhou a mais equilibrada e bem assentada - a média de idade da nossa defesa era de 32 anos. Além disso, o gol da virada contra os tchecos foi marcado por Zito, um jogador de pouco brilho individual, mas de grande senso coletivo e que raramente fazia gols. E mais: pelas notas que a imprensa atribuía após cada partida, as melhores médias ficaram com Nilton Santos - o mais experiente, com 37 anos - e Zagalo - um eficiente trabalhador, apelidado de Formiguinha, que não fez uma única jogada de efeito durante toda a Copa, mas foi, disparado, o que mais correu pelos campos do Chile.

Final

BRASIL 3 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 17 de junho de 1962, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Nacional, em Santiago
Público: 68 679 pessoas
Gols: *Masopust* (15) e *Amarildo* (17 do 1º); *Zito* (24) e *Vavá* (33 do 2º)
Brasil - *Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo.*
Técnico: Aymoré Moreira
Tchecoslováquia - *Schroiff, Lala, Popluhar e Novak; Pluskal e Masopust; Pospichal, Scherer, Kadraba, Kvasnak e Jelinek.*
Técnico: Rudolf Vytlacil
Juiz: Nikolai Latichev (União Soviética)
Auxiliares: Davidson (Escócia) e Horn (Holanda)

É Brasil. É bi

Garrincha, a grande esperança brasileira, começou a final com 38 graus de febre e teve uma atuação discreta. Para compensar, Schroiff, considerado o melhor goleiro da Copa, deu uma grande contribuição à causa nacional, falhando feio em 2 gols. Sem a centelha de Garrincha, Brasil e Tchecoslováquia jogaram um futebol coordenado e estudado, sem grandes lances que pudessem arrebatar o público chileno - que pendeu mais para o lado dos tchecos. Os santos pareciam estar a favor do Brasil. E os ateus também estavam. No segundo tempo, com o jogo empatado em 1 x 1, a bola tocou no braço estendido de Djalma Santos dentro da área, num cruzamento de Jelinek. O toque foi muito mais visível do que a bola na mão de Zózimo que resultou naquele pênalti maroto a favor do Chile. Mas o juiz soviético Latichev interpretou o lance como casual e o Brasil se safou. Por aqui, milhões de angustiados torcedores imediatamente deixaram de acreditar nas barbaridades que o governo americano espalhava sobre o regime comunista. Na metade do segundo tempo, Zito desempatou. Quem ouvia a transmissão pelo rádio não acreditou. Zito? Isso mesmo, Zito. Ao que se sabe, aquela foi a única vez, na Copa de 1962, que Zito entrou na área adversária. E foi o segundo gol dele com a camisa da Seleção. O primeiro havia sido marcado cinco anos antes, em junho de 1957, numa vitória sobre Portugal, por 3 x 0, no Pacaembu. E o terceiro - e último - só veio quatro anos depois, em junho de 1966, num empate em 2 x 2 com a Tchecoslováquia, no Maracanã. A 12 minutos do fim do jogo, Vavá ainda fez 3 x 1. A Copa do Chile foi a última em que a Fifa tolerou dirigentes e outros elementos estranhos ao jogo dentro do campo para comemorar gols. Mas, como isso ainda era permitido, correram para os abraços o doutor Paulo Machado de Carvalho, o técnico Aymoré Moreira e mais todos os fotógrafos e repórteres que estavam nas redondezas. A celebração durou quase 3 minutos, até que o juiz conseguiu botar os calçudos para fora e reiniciar a peleja. E Latichev, o "bom comunista", ainda encerrou a final praticamente sem dar descontos. O Brasil era bicampeão mundial.

ALBERTO FERREIRA

Mauro levanta a taça no gramado: vitória incontestável da Seleção Brasileira na Copa do Mundo do Chile

Vavá, Garrincha e Amarildo comemoram um dos gols da final: os tchecos ficaram na vontade

Os gols da final

TCHECOSLOVÁQUIA 1 x 0 - Masopust, o único craque do diligente time da Tchecoslováquia, marcou o primeiro gol do jogo aos 15 minutos do primeiro tempo, numa jogada de três toques: Scherer, da intermediária, para Pospichal, próximo à meia-lua. Pospichal para Masopust dentro da área brasileira. Masopust para as redes, na saída de Gilmar.

BRASIL 1 x 1 - O Brasil empatou apenas 2 minutos depois. Pela esquerda, Zagalo cobrou um lateral para Amarildo. Na linha da grande área, Amarildo enganou os marcadores com uma rápida e esperta virada de corpo, foi à linha de fundo e, sem muito ângulo, chutou direto para o gol. Schroiff estava no meio da pequena área, esperando um cruzamento, e a bola entrou entre ele e a trave.

BRASIL 2 x 1 - Aos 24 minutos do segundo tempo, Zito lançou Amarildo pela esquerda. Quase junto à linha de fundo, ele fez que ia chutar para o gol, mas travou a bola e deixou Popluhar sentado no chão. Schroiff, gato escaldado, desta vez preferiu ficar bem junto à trave, mas Amarildo levantou a bola por cima do goleiro tcheco, para o meio da pequena área. A 1 metro da linha do gol, Zito surgiu do nada e tocou de cabeça para as redes.

BRASIL 3 x 1 - Djalma Santos recebeu uma bola junto à linha lateral direita e, sem muita opção, fez um levantamento alto para a área tcheca. Uma bola fácil para Schroiff, que saiu tranqüilamente do gol para defender. Mas foi atrapalhado pelo sol – apesar de jogar de boné – e, inesperadamente, soltou a bola nos pés de Vavá, que estava na hora certa no lugar certo, e só concluiu para o gol vazio. Eram 33 minutos jogados do segundo tempo e o Brasil estava com a mão na taça Jules Rimet pela segunda vez consecutiva em sete Copas do Mundo.

Números

ARTILHEIRO
Durante 31 anos, as estatísticas registraram que a Copa de 1962 teve seis artilheiros, todos com 4 gols: Vavá e Garrincha, do Brasil; Leonel Sanchez, do Chile; Albert, da Hungria; Ivanov, da União Soviética; e Jerkovic, da Iugoslávia. Em 1993, numa revisão baseada no filme do jogo Iugoslávia x Colômbia, a Fifa reconheceu que o terceiro gol iugoslavo, anotado na súmula para Galic, tinha sido feito por Jerkovic. Assim, Drazan Jerkovic, com 26 anos em 1962, tornou-se o único artilheiro do Mundial, com 5 gols. Ele disputou 21 jogos pela Iugoslávia entre 1960 e 1964, marcando 11 gols. Pelo Dínamo Zagreb, seu único clube, fez 315 partidas em dez anos de carreira (de 1955 a 1965) e balançou as redes 96 vezes.

PÚBLICO
Nos 32 jogos disputados, a platéia da Copa atingiu 92,9% da capacidade máxima dos estádios. Tudo porque em 10 partidas havia mais espectadores nos estádios do que a capacidade oficial. Na fase de grupos, foram cinco exibições com superlotação (as três do Chile, mais Brasil x Espanha e Alemanha Ocidental x Itália). Em duas das quatro disputas pelas quartas-de-final também havia mais gente do que o previsto: União Soviética x Chile, em Arica; e Hungia x Tchecoslováquia, em Rancagua. Nas semifinais, Brasil x Chile tiveram o maior público do Mundial: 73 856 pagantes num estádio para 65 000 espectadores.
E, finalmente, tanto a disputa pelo terceiro lugar quanto a final levaram mais torcedores ao estádio Nacional, em Santiago, do que a lotação predeterminada.

Os bicampeões

Nossa Seleção confirmou o favoritismo e, mesmo atuando sem grande brilho, manteve a posse da taça por mais quatro anos. Conheça aqui os 22 jogadores da vitoriosa campanha no Chile

»Gilmar dos Santos Neves, *31 anos* (22 de agosto de 1930), do Santos. Nasceu em Santos e é o goleiro mais vitorioso da história do futebol brasileiro. Foi bicampeão mundial pelo Brasil e pelo Santos, nove vezes campeão paulista, quatro vezes campeão da Taça do Brasil e bi da Libertadores. Começou no Jabaquara, de Santos, e foi para o Corinthians em 1951. Em 1962, transferiu-se para o Santos, pelo qual jogou até abandonar a carreira, em 1969. Fez 94 jogos pela Seleção e disputou três Copas: 1958, 1962 e 1966.

»Djalma Santos, *33 anos* (27 de fevereiro de 1929), do Palmeiras. Natural de São Paulo, o lateral jogou 11 anos pela Portuguesa de Desportos e mais dez pelo Palmeiras. Pelos dois times, disputou 944 jogos oficiais. No fim de 1969, foi para o Atlético Paranaense e conquistou seu último título, o de campeão estadual de 1970. Lá, encerrou a carreira em 1971, aos 42 anos. Fez 98 jogos pela Seleção e marcou 3 gols (um deles contra a Hungria, na Copa de 1954). Disputou quatro Copas: 1954, 1958, 1962 e 1966.

»Mauro Ramos de Oliveira, *31 anos* (30 de agosto de 1930), do Santos. Nasceu em Poços de Caldas (MG) e jogou 28 vezes pela Seleção. É um exemplo de persistência: foi cortado da Copa de 1950 e ficou na reserva em 1954 e 1958. Em 1962, exigiu ser escalado e foi atendido. Começou na Caldense, em sua cidade natal, passou pela Desportiva Sanjoanense, de São João da Boa Vista (SP) e foi contratado pelo São Paulo em 1948. Em 1960, assinou com o Santos, pelo qual sagrou-se bicampeão mundial de clubes. Em 1967, aceitou um convite do Toluca e foi campeão mexicano. Lá, o zagueiro encerrou a carreira, no ano seguinte. Morreu em 18 de setembro de 2002.

»Zózimo Alves Calazans, *29 anos* (19 de junho de 1932), do Bangu. Os únicos títulos da carreira deste zagueiro que nasceu em Plataforma (BA) foram conquistados na Seleção: cinco taças regionais e os mundiais de 1958, como reserva, e de 1962, como titular. Jogou 35 vezes com a camisa do Brasil. Estreou como profissional em 1948, no São Cristóvão. Dois anos depois, transferiu-se para o Bangu, onde ficou até 1965. Daí, jogou um ano pela Esportiva de Guaratinguetá (SP), outro pelo Flamengo e pendurou as chuteiras no Sport Boys do Peru, em 1969. Morreu aos 45 anos, num acidente de automóvel em 13 de setembro de 1977.

»Nilton Santos, *37 anos* (do Botafogo, 33 anos. O grande lateral nasceu no Rio de Janeiro e só jogou no Botafogo, pelo qual disputou 716 partidas e foi quatro vezes campeão carioca. Atuou 75 vezes com a camisa da Seleção entre 1949 e 1962 e marcou três gols (um deles contra a Áustria, na Copa de 1958). Encerrou a carreira em 1964, aos 39 anos. Esteve em quatro Copas: 1950 (reserva), 1954, 1958 e 1962. Por seu arsenal de jogadas, sua classe e sua visão de jogo, foi apelidado de A Enciclopédia do Futebol.

»Zito (José Ely de Miranda), *29 anos* (8 de agosto de 1932), do Santos. Nasceu em Roseira, então distrito de Aparecida (SP), e estreou no Taubaté. O volante transferiu-se para o Santos em 1952. Foi dez vezes campeão paulista, cinco vezes brasileiro, bi sul-americano e bi mundial interclubes. Fez 733 jogos pelo time da Vila Belmiro e encerrou a carreira em 1968, aos 36 anos. Pela Seleção, disputou 46 jogos, participou das Copas de 1958, 1962 e 1966 e marcou 3 gols, mas um deles valeu por dez: o de desempate na final contra a Tchecoslováquia, em 1962.

»Garrincha (Manoel Francisco dos Santos), *28 anos* (28 de outubro de 1933), do Botafogo. O maior ponteiro-direito do Brasil nasceu em Pau Grande, distrito de Magé, interior do estado do Rio de Janeiro. Atuou por 12 anos no Botafogo, de 1953 a 1965, sendo quatro vezes campeão carioca. Depois, vestiu muitas camisas (Corinthians, Junior Barranquilla da Colômbia, Flamengo, Bangu, Olaria e diversas equipes que pagavam para tê-lo em campo por apenas um ou dois jogos). Abandonou o futebol em 1973, aos 40 anos. Pela Seleção, marcou 12 gols (4 deles na Copa de 1962 e 1 na de 1966), disputou 50 partidas oficiais e só perdeu uma, a última, contra a Hungria, na Copa de 1966. Vítima de alcoolismo, morreu aos 49 anos, no dia 20 de janeiro de 1983.

»Didi (Valdir Pereira), *32 anos* (8 de outubro de 1929), do Botafogo. Nasceu em Campos (RJ). O clube em que o armador mais atuou foi o Fluminense (1946 a 1956), mas seu apogeu se deu no Botafogo (1956 a 1958 e 1961 a 1964). Foi quatro vezes campeão carioca. De 1959 a 1961, jogou pelo Real Madrid. Em 1964, transferiu-se para o São Paulo, onde encerrou a carreira dois anos mais tarde. Tornou-se técnico e dirigiu o Peru na Copa de 1970. Pela Seleção, fez 68 partidas e marcou 20 gols. Morreu em 12 de maio de 2001, aos 71 anos.

»Vavá (Edvaldo Izídio Neto), *27 anos* (12 de outubro de 1934), do Palmeiras. Natural do Recife, começou no Sport e em 1952 assinou com o Vasco. O atacante foi um dos brasileiros mais internacionais de sua época, atuando pelo Atlético de Madri (1958 a 1961), Palmeiras (1961 a 1964), América do México (1964 a 1967), San Diego dos Estados Unidos (1967 a 1969) e Portuguesa Carioca (1969). Ganhou dois títulos cariocas e um paulista. Pela Seleção, jogou relativamente pouco, mas com excepcional aproveitamento: 20 partidas oficiais (dez em Copas) e 14 gols marcados (9 em Copas). Morreu em 19 de janeiro de 2002, aos 67 anos.

»Amarildo Tavares da Silveira, *21 anos* (29 de julho de 1940), do Botafogo. O atacante, natural de Campos (RJ), foi para a Copa sem muitas esperanças de jogar, mas teve a chance de sua vida com a distensão de Pelé. E a aproveitou, marcando 3 gols vitais (2 contra a Espanha e 1 na final, contra a Tchecoslováquia). Pela Seleção, fez 22 jogos e anotou 7 gols. Começou no Goytacaz de Campos e foi para o Botafogo em 1960, sagrando-se bicampeão carioca em 1961 e 1962. Após a Copa, transferiu-se para a Itália e jogou no Milan (1963 a 1968), Fiorentina (1969 e 1970) e Roma (1971 e 1972). Neste mesmo ano veio para o Vasco e encerrou a carreira.

»Mario Jorge Lobo Zagalo, *30 anos* (9 de agosto de 1931), do Botafogo. Nasceu em Maceió e mudou-se para o Rio antes de completar 1 ano de idade. Jogou pelo América (1948 e 1949), Flamengo (1950 a 1958) e Botafogo (1958 a 1965), conquistando cinco títulos cariocas. Consagrou o estilo do ponta que ajuda na marcação – seu trabalho incansável em campo rendeu-lhe o apelido de Formiguinha. Foi só na década de 1990 que a moda das letras dobradas recuperou-lhe o sobrenome da certidão de nascimento: Zagallo. Tem uma das carreiras mais longas e mais vitoriosas do futebol mundial, com troféus em cinco Copas (o bi como jogador em 1958 e 1962, o tri como técnico em 1970, o tetra como auxiliar técnico em 1994 e o vice de 1998, como técnico). Pela Seleção, atuou 33 vezes e marcou 5 gols (2 em Copas).

»Aymoré Moreira, *50 anos* (26 de abril de 1912). O técnico do bi nasceu em Miracema (RJ). Foi goleiro do Botafogo e do Palestra Itália e disputou três jogos pela Seleção, em 1940. Como treinador, dirigiu uma infinidade de times em todo o Brasil, numa carreira que durou 37 anos (de 1948 a 1985). Comandou a Seleção em 61 partidas, de 1960 a 1963 e de 1966 a 1968. Morreu em 26 de julho de 1998, aos 86 anos de idade.

Os outros convocados

Altair Gomes Figueiredo, *24 anos* (22 de janeiro de 1938), zagueiro do Fluminense.
Carlos José Castilho, *35 anos* (27 de abril de 1927), goleiro do Fluminense.
Coutinho (*Antônio Wilson Honório*), *19 anos* (11 de junho de 1943), atacante do Santos.), atacante do Flamengo.
Hideraldo Luiz Bellini, *32 anos* (7 de junho de 1930), zagueiro do São Paulo.
Jair da Costa, *21 anos* (9 de julho de 1940), atacante da Portuguesa de Desportos.
Jair Marinho de Oliveira, *25 anos* (17 de julho de 1936), zagueiro do Fluminense.
Jurandir de Freitas, *21 anos* (12 de novembro de 1940), zagueiro do São Paulo.
Mengálvio Pedro Figueiró, *22 anos* (17 de dezembro de 1939), armador do Santos.
Pelé (*Edison Arantes do Nascimento*), *21 anos* (23 de outubro de 1940), atacante do Santos.
Pepe (*José Macia*), *27 anos* (25 de fevereiro de 1935), atacante do Santos.
Zequinha (*José Ferreira Franco*), *26 anos* (18 de novembro de 1934), volante do Palmeiras.

Champanhe na taça

A conquista do bicampeonato ajudou a sustentar o governo de João Goulart por mais 21 meses. Em campo, porém, todos falavam em renovação e só pensavam numa coisa: encontrar o "parceiro ideal de Pelé" para lutar pelo tri na Inglaterra

Na segunda-feira 18 de junho de 1962 o avião Bandeirante, da Panair, levantou vôo do aeroporto de Los Cerrillos, em Santiago. Às 15 horas, o presidente Jango recebeu a Seleção em Brasília e tomou champanhe dentro da taça Jules Rimet. O Brasil vivia uma severa crise política e Jango estava por um fio, mas a euforia pela conquista do bi certamente contribuiu para que seu governo se prolongasse por mais 21 meses. Da capital, a delegação seguiu para o Rio, onde desembarcou às 21 horas.

Os jogadores seriam homenageados em General Severiano, sede do Botafogo, já que cinco dos campeões mundiais pertenciam ao clube. Mas, antes disso, o governador Carlos Lacerda decidiu recepcionar os craques no Palácio Guanabara. Tanto em Brasília quanto no Rio, Garrincha foi o mais festejado. Tanto por seu futebol quanto por ele ter a cara do Brasil – aquele Brasil pobre, mas intuitivo e criativo. Lacerda saudou os campeões com um discurso empolgado e patriótico, mas no dia seguinte o povo só lembrava que ele dera de presente para Garrincha um mainá preto de bico vermelho que gritava "gol" e falava "Manoel".

Apesar de o Brasil não ter participado da pancadaria, a Copa do Chile ficou marcada pela violência. Era o prenúncio da chegada do futebol-força, que prevaleceria em 1966. A imprensa brasileira percebeu isso e, já em 1962, os jornais começaram a martelar na palavra renovação. Dos bicampeões, três fizeram sua última partida pela Seleção contra a Tchecoslováquia: Didi, Nilton Santos e Zózimo. E apenas Pelé e Amarildo, ambos com 21 anos no fim do Mundial, pareciam em condições de disputar mais um. Dos titulares, o terceiro mais jovem bicampeão, Vavá, já estava com 27 anos.

E a renovação foi sendo feita, mas sem muito critério. Entre 1962 e 1965, a equipe principal do Brasil disputou 23 jogos e nada menos que 47 jogadores vestiram a camisa amarela. Só Pelé era figura obrigatória. Garrincha, apesar do enorme prestígio, estava debilitado por seguidas contusões no joelho e só voltou a atuar pelo Brasil em 2 de junho de 1965 (contra a Bélgica, no Maracanã), quando já estava com quase 32 anos de idade.

Os resultados obtidos por nosso selecionado entre 1962 e 1965 não foram condizentes com o poderio do futebol brasileiro (13 vitórias, 4 empates e 6 derrotas, uma delas para os belgas, por 5 x 0). Mas a grande cruzada – que, para nós, parecia tão importante quanto a busca pelo Santo Graal – era "encontrar o parceiro ideal de Pelé". Nada menos que 11 centroavantes foram testados, mas nenhum foi aprovado. Ironicamente, nem mesmo o santista Coutinho, que desde 1961 era chamado pela imprensa de "o parceiro ideal de Pelé". Mesmo assim, ninguém parecia duvidar que, com Pelé e mais dez, o Brasil conquistaria seu terceiro caneco em 1966, nos gramados da Inglaterra. Será?

Dorval, Mengálvio e Coutinho com Pelé: 11 centroavantes foram testados ao lado do Rei

DPZ

Nova Mortadela defumada Sadia

Irresistível

O MELHOR DO BRASIL
É O BRASILEIRO

A nova mortadela defumada Sadia é produzida com o mesmo requinte e cuidado das mortadelas produzidas na Itália. Seu sabor com um leve toque defumado e sua textura macia, que derrete na boca, formam uma combinação tão irresistível que você só vai entender provando.